

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA E INTERAÇÃO SOCIAL

ESCOLHA PROFISSIONAL E VÍNCULO PATERNO: UM ESTUDO COM PAIS E
FILHOS ADOLESCENTES

Cristiane Maria Prysthon Moraes

Recife/2010.

CRISTIANE MARIA PRYSTHON MORAES

ESCOLHA PROFISSIONAL E VÍNCULO PATERNO: UM ESTUDO COM PAIS E
FILHOS ADOLESCENTES

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos registros para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof^ª Dra. Albenise de Oliveira Lima

Recife/2010

M827e

Moraes, Cristiane Maria Prysthon

Escolha profissional e vínculo paterno : um estudo com pais e filhos adolescentes / Cristiane Maria Prysthon Moraes ; orientador Albenise de Oliveira Lima, 2010.

97 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2010.

1. Psicologia clínica. 2. Orientação profissional. 3. Família - Psicologia. 4. Pais e adolescentes - Aspectos psicológicos. 5. Famílias de pais separados. 6. Interação social em adolescentes. I. títulos.

CDU 159.922.8

ESCOLHA PROFISSIONAL E VÍNCULO PATERNO: UM ESTUDO COM PAIS E
FILHOS ADOLESCENTES

CRISTIANE MARIA PRYSTHON MORAES
PROF^a DR^a ALBENISE DE OLIVEIRA LIMA

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a
obtenção do Título de Mestre em Psicologia Clínica.

25 de março de 2010

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Dulce Helena Pena Soares.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^o Dr. Marcus Túlio Caldas
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Prof^a Dr^a Albenise de Oliveira Lima
Universidade Católica de Pernambuco
Orientadora

Recife
2010

DEDICATÓRIA

Dedico e agradeço especialmente este estudo a minha mãe, Ilze Prysthon, que sempre pensou que a educação é o caminho certo para as conquistas profissionais. Uma mulher de fibra, vitoriosa, guerreira e que sempre ensinou a seus filhos o valor da honestidade e da fé em Deus.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, meu pai iluminado e orientador nas minhas preces, pedidos e orações. Ele que me ensinou, deu-me a coragem para enfrentar mais um desafio na minha vida e conseqüentemente fortalecer a minha fé.

Ao meu querido, amigo, marido e companheiro, Jorge Luiz, que sempre me deu forças e incentivo para eu investir na minha vida profissional, bem como, pela paciência nos meus momentos ausentes como mãe, esposa e administradora da casa.

Às minhas queridas e amadas filhas Alessandra, Juliana e Mariana, que tiveram paciência e souberam entender a minha ausência e a respeitar o meu momento de estudo em frente ao computador ou aos livros.

À minha orientadora, Professora Albenise, que com sua fineza, sensibilidade e sabedoria me conduziu em todos os momentos deste estudo. Deu-me força e coragem para enfrentar os obstáculos da pesquisa com autoconfiança e determinação. Contribuiu incontestavelmente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

À professora Cristina, com seu jeito carismático e delicado, me fez enxergar pequenos detalhes que ajudaram para a elaboração final da minha pesquisa.

Ao Diretor e Mestre Gaudêncio Lopez e aos meus colegas da Instituição em que trabalho pela compreensão e colaboração. Aos meus colegas e amigos do mestrado pelas discussões em sala, seminários e trocas de experiências. Todos contribuíram para o meu amadurecimento profissional.

Enfim, agradeço a todos os entrevistados desta pesquisa, pais e adolescentes, que colaboraram e cooperaram para que este estudo fosse realizado com fidedignidade.

RESUMO

A figura paterna e suas configurações atuais revelam que o homem, cada vez mais, vem conquistando o seu papel de cuidador dos (as) filhos (as) dentro da família. No entanto, poucos são os estudos sobre pais separados e com guarda dos filhos. Buscando preencher essa lacuna e ampliar a compreensão sobre vínculos pai/filho, o objetivo deste estudo consistiu em analisar como o pai percebe e acompanha o processo de escolha profissional do (a) filho(a) adolescente e como este, por sua vez, percebe a participação paterna nesta etapa da sua vida. A pesquisa utilizou o método de abordagem qualitativa, de característica exploratória. Os participantes foram escolhidos de forma intencional e do tipo amostragem por bola-de-neve. Foram quatro pais separados e não recasados, com a guarda de filhos (as) em fase de escolha profissional e cinco adolescentes, de ambos os sexos, cursando o Ensino Médio ou iniciando um curso de graduação, que moram com o pai. O instrumento utilizado foi constituído por duas entrevistas semiestruturadas conduzidas de forma semidirigida, uma com questões próprias para o pai e outra para o adolescente. Elas foram transcritas e analisadas com base na técnica de Análise de Tema: trabalhou-se com o recorte do texto em unidades de registro. A coleta de informações foi numa instituição de Ensino Médio e particular da cidade do Recife. Os resultados mostraram pais com expectativas em relação ao futuro profissional do filho. Dentre elas: desejo que perpetue ou repita a sua carreira profissional; respeito à escolha que o filho fizer o apoiando no que ele decidir; desejo que o (a) filho (a) tenha sucesso e realização; orientação nas dúvidas sobre a escolha e sobre as profissões; acompanhamento e orientação sobre a realidade das profissões, mercado de trabalho, salário e carreira profissional. Além disso, os pais pesquisados demonstraram influência, disponibilidade para compartilhar, orientar, apoiar e acompanhar tudo que se relacionar com a escolha profissional e projeto de vida futuro dos filhos. Da mesma forma, o (a) filho(a) teve a percepção de que o pai tanto se preocupa e cuida, quanto influencia na decisão dele. Como conclusão, pode-se dizer que o relacionamento entre pai separado e com a guarda dos filhos e seus filhos (as) é permeado por afeto, tranquilidade, compreensão, diálogo e carinho. De uma maneira geral, a figura paterna se preocupa e cuida do filho (a) na sua vida como um todo, incluindo sua vida profissional futura.

Palavras-chave: escolha profissional; vínculo paterno; adolescente.

RESUMEN

La figura paterna y sus configuraciones actuales revelan que el hombre, cada vez más, sigue conquistando su papel de responsable por los hijos dentro de la familia. Sin embargo, pocos son los estudios con padres separados y con la guarda de los hijos. Buscando rellenar ese hueco y alargar la comprensión sobre lazos padre/hijo, el objetivo de este estudio constituye en analizar cómo el padre percibe y acompaña el proceso de elección profesional del hijo adolescente y cómo éste, por su parte, percibe la participación paterna en esta etapa de su vida. El método de investigación utilizado fue el de abordaje cualitativo, de característica exploratoria. Los participantes fueron seleccionados de manera intencional y del tipo muestra por bola de nieve. Fueron cuatro padres separados y actualmente solteros, con la guarda de hijos en fase de elección profesional y cinco adolescentes, de ambos los sexos, cursando la enseñanza secundaria o empezando un curso de graduación, que viven con el padre. El instrumento utilizado fue compuesto por dos entrevistas semiestructuradas conducidas de manera semidireccionada, una con cuestiones propias para el padre y otra al adolescente. Ellas fueron transcritas y analizadas con base en la técnica de Análisis de Tema: se ha trabajado con el recorte del texto en unidades de registro. La coleta de informaciones fue realizada en una institución de enseñanza secundaria y privada de Recife. Los resultados muestran padres con expectativas respecto al futuro profesional del hijo. Entre ellas: deseo que perpetúe o repita su carrera profesional; respeto a la opción que tome su hijo dándole apoyo a su decisión; deseo que el hijo tenga éxito y realización; orientación ante las dudas sobre la selección y sobre las profesiones; acompañamiento y orientación sobre la realidad de las profesiones, mercado de trabajo, sueldo y carrera profesional. Además, los padres sondados demuestran influencia, disponibilidad para compartir, orientar, apoyar y acompañar todo lo que se relaciona a la opción profesional y proyecto de vida de los hijos. De la misma manera, el hijo tuvo la percepción que el padre mucho se preocupa y cuida, cuanto influencia en su decisión. Como conclusión, se puede decir que el relacionamiento entre padre separado y con la guarda de los hijos y sus hijos es permeado por afecto, tranquilidad, comprensión, dialogo y cariño. De una manera general, la figura paterna se preocupa y cuida del hijo en su vida como un todo, incluyendo su vida profesional futura.

Palabras clave: elección profesional; lazo paterno; adolescente.

ABSTRACT

The father character and its actual configuration reveals that men are, more and more, conquering the role of the children's keepers in the family. However, there are very few studies about divorced fathers responsible for bringing up their children alone. Looking for filling this gap and maximizing the comprehension on the links between fathers and their sons/daughters, the object of this study consisted on analyzing how fathers perceive and follow their sons and daughters' professional choice process and how this father, himself, sees his participation in this process. The research used the method of *qualitative exploratory study*. The participants were chosen intentionally. There were four divorced fathers that opted for not getting married again, with children who were choosing their professions and five adolescents, both genres, in secondary schools or starting a graduation course. All of them live with their fathers. The tool used in this research were two semi-structured interviews carried out in a semi-directed way. One of the interviews was directed to the father and the other to his son(s)/daughter(s). The questions were transcribed and analyzed based on the *theme analysis* technique. The collection of information was done in a Private Secondary School located in Recife. The results revealed fathers with great expectations regarding their son/daughters' professional future. Among them, the desire that their son and daughters repeat their professions; the respect to their choices, the desire that their sons and daughters are successful; the guidance regarding the doubts they may have about the choice and professions; the readiness in advising about the reality regarding the professions, jobs market, salaries and professional career. In addition, the researched fathers demonstrated that they may influence, they are disposed to share, advise, support e be close to their sons in relation to their professional choices and future life projects. In the same way, the sons and daughters had the perception that their fathers are worried, take care and influence them on their decisions. To conclude, we can say that the relationship between divorced fathers and their sons and daughters is full of affection, comprehension, dialogue and love. Generally speaking, the fathers are worried but mainly they take care of their children as a whole, including their future career plan.

Key words: professional choices, paternal link, adolescents

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
I- FAMÍLIA: ONTEM E HOJE.....	12
1.1 - Breve resgate histórico da família.....	12
1.2 - Vínculos familiares atuais.....	18
II - VÍNCULO PATERNO E SUAS MUDANÇAS.....	25
2.1 – Da figura de autoridade à participativa.....	25
2.2 - Participação paterna no projeto de vida e escolha profissional do adolescente....	32
III – ESCOLHA PROFISSIONAL.....	38
3.1 - Escolha profissional do adolescente e a formação da identidade.....	38
3.2 - Influência sócio cultural e familiar.....	44
IV - CAMINHO METODOLÓGICO.....	52
4.1 - Objetivos.....	52
4.2 - Percurso teórico-metodológico.....	52
4.3 - Participantes.....	53
4.4 - Instrumento.....	54
4.5 - Coleta de informações.....	54
4.6 - Questões éticas da pesquisa.....	55
V - DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	57
5.1 - Análise das entrevistas.....	57
5.2 - Caracterização dos participantes.....	57
5.3 - Análise das unidades de registro.....	59
5.3.1 - Ouvindo os adolescentes.....	59
5.3.2 - Ouvindo os pais.....	69
VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS.....	90
1. - ANEXO I - Entrevista para o adolescente	91
2. - ANEXO II - Entrevista para o pai	92
3. - ANEXO III - TCLE para o pai.....	93
4. - ANEXO IV - TCLE para o adolescente.....	95
5. - ANEXO V - Documento do Comitê de Ética aprovando o projeto.....	97

SUMÁRIO DE QUADROS

QUADRO 1 – Perfil dos adolescentes.....	58
QUADRO 2 – Perfil dos pais.....	58

INTRODUÇÃO

A família do século XX e XXI, com suas transformações e implicações na sociedade é um tema cada vez mais discutido pelos estudiosos das ciências humanas e sociais. Essas novas configurações familiares, que iniciaram na década de 70 do século XX, apresentam-se mutáveis e dinâmicas, como diz Gomes (2003), são elas: os casamentos monogâmicos desfeitos, a reformulação radical dos papéis femininos e masculinos, casamentos e adoções por casais homoafetivos, diferenças hierárquicas na relação entre pais e filhos, entre outros. Esses indicadores são vivenciados, hoje em dia, com mais aceitação mesmo que ainda haja preconceito e discriminação da sociedade. Contudo, a realidade dessa família está muito presente em nossa cultura e contribui também para as transformações das leis, sendo objeto de estudos concernentes à área jurídica e científica.

Como reflexo dessas mudanças, a família de hoje tem mostrado uma tendência que não se pode negar: a figura paterna atual mostra uma nova postura no seu comportamento; ou seja, o pai está mais interessando na criação, no cuidado e na qualidade da relação com seus filhos, crianças e adolescentes, do que nas décadas anteriores. A favor disto, novas leis criadas concedem aos homens direitos, como a guarda compartilhada ou total das crianças e adolescentes e mais tempo de licença paternidade para cuidar de seus filhos.

Cuidar de filhos (as) adolescentes e morar apenas com eles (as), não é uma convivência tão rara na nossa sociedade. Atividades do dia a dia, como: acordar para ir ao colégio, acompanhar nas tarefas escolares, providenciar alimentação, levar ao médico e até estar envolvido com as questões relacionadas às escolhas profissionais, estão cada vez mais fazendo parte da relação entre pai e filho (a).

O processo de escolha profissional, segundo Soares (2002), inicia-se na adolescência, período de busca de si mesmo, da consolidação da identidade, caracterizado por crises e questionamentos. Ele enfrenta uma fase de transição onde, de um lado, vive os interesses de uma criança e, do outro, o mundo do adulto.

Segundo Boholasvsky (1998), desde o nascimento os pais alimentam expectativas, desejos e fantasias em relação aos filhos e ao seu futuro. Desse modo, a necessidade da escolha não afeta apenas o jovem; a família também é afetada, pois alguns pais buscam se realizar por meio dos filhos e outros sofrem com o desgaste vivenciado pelo filho que tem dificuldade para decidir. Sendo assim, a família influencia, seja de forma a incentivar ou reprimir, na decisão profissional do adolescente.

A participação paterna na escolha profissional do adolescente, se perpetua sobre o desenvolvimento da carreira e vida profissional futura. Segundo Bourdieu (1997), o pai ocupa o lugar e é o instrumento de um projeto que é transmitido, por formas de ser e por ações orientadoras para a perpetuação da linhagem. Ele salientou que existe, em qualquer sociedade, a tendência por parte do pai “perseverar no ser”: perpetuar a posição social, a essência da herança paterna (p.07-08).

A partir da observação desta dinâmica do “novo pai” associado às mudanças no comportamento familiar e sua relação com a escolha profissional de seu filho (a), adveio o interesse por este estudo, assim como a curiosidade em saber como esse pai cria expectativas, desejos e se preocupa com o projeto de vida futuro de seu filho (a). Outro interesse, também, manifestou-se em virtude das minhas observações e inquietações enquanto psicóloga e orientadora profissional na instituição em que trabalho e na clínica; pois percebo que o processo de escolha profissional do adolescente ainda é marcado por dúvidas e incertezas, geralmente oriundos de influências familiares.

Para uma melhor compreensão, esta dissertação ficou estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo – Família: ontem e hoje – foi dividido em duas partes. Na primeira foi feito um breve levantamento histórico da família baseada na “Teoria Crítica da Família” (Poster, 1979). O objetivo desta Teoria foi de ampliar a compreensão da ressignificação/reestruturação da família na contemporaneidade. Além disto, foi feito um resumo onde o autor cita quatro modelos familiares; as famílias aristocrática/patriarcal e camponesa, prevalentes na Idade Média, e as famílias proletária e nuclear/burguesa, na Idade Moderna. Na segunda parte, fala dos vínculos familiares atuais que retratam as mudanças da família dos séculos XX e XXI e suas configurações atuais. Nesta, coletamos alguns autores (Gomes, 2003; Ramos, 2003; Hennigen & Guareschi, 2002 e outros) que contribuíram para a teoria da família na atualidade e nos facilitaram a compreensão dessas mudanças e transformações.

O segundo capítulo denominado “Vínculo paterno e suas mudanças”, dividido também em duas partes, cujo subtítulo é: da figura de autoridade à participação no cuidado, teve o objetivo de situar a história da paternidade desde a autoridade absoluta, capaz de transmitir aos seus descendentes os bens, poderes e tradições – a família patriarcal- até as mudanças significativas da figura paterna que se iniciaram na década de 70 (séc. XX). Assim, ressaltamos as mudanças do Código Civil Brasileiro, dos papéis masculinos e femininos, dos estudos sobre masculinidade e paternidade, além de outros tópicos importantes. Na segunda parte, temos a participação paterna no projeto de vida e escolha profissional do adolescente. Neste referimo-nos sobre a questão da influência paterna, com seus desejos, expectativas e sonhos, diante da escolha profissional e projeto de vida do (a) filho(a). Ainda neste capítulo destacamos os autores: Nolasco, 1995; Bourdieu, 1997; Polity, Setton & Colombo, 2004; Crepaldi, Andreani, Ristoff, Hammes & Abreu, 2006; Silva & Piccinini, 2007; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Poulter, 2008; e outros.

O terceiro capítulo – escolha profissional – ficou dividido em escolha profissional do adolescente e a formação da identidade; e Influência sociocultural e familiar. Na primeira parte deste capítulo, algumas teorias contribuíram para o conceito do desenvolvimento vocacional/profissional, como: “Teoria Desenvolvimentista”, “Teoria do Traço e Fator”, “Teoria Psicodinâmica” e “Teoria da Decisão”. Ainda nesta parte foi conceituado e discutido sobre formação da identidade pessoal e ocupacional do adolescente e suas identificações com as figuras significativas. Por fim, na segunda parte, ao viver o processo de escolha profissional, alguns jovens vivem sentimentos oriundos de alguns fatores que influenciam na decisão por uma profissão futura, como: os fatores políticos, sociais, educacionais, psicológicos e familiares. Alguns autores contribuíram para a elaboração deste capítulo, foram eles: Levenfus, 1997; Lisboa, 1997; Bohoslavsky, 1998; Soares, 2002 e outros.

Nos capítulos seguintes serão apresentados os objetivos, o método utilizado, discussão e análise. Por fim, os resultados e considerações finais da pesquisa.

Acreditamos ser este tema de suma importância para as áreas da Orientação Profissional e Psicologia Clínica, primeiro porque é pouco explorado na literatura brasileira e segundo porque vai anunciar resultados significativos sobre um assunto que é atual e relevante. Esperamos que o nosso trabalho propicie ao leitor reflexões sobre a família e a sociedade, de um modo geral, no sentido de “quebrar” os tabus e preconceitos de que o pai não tem condições de assumir a criação dos filhos sozinhos, função delegada apenas à mãe durante muitos anos, e acompanhá-los nas atividades do dia-a-dia, principalmente, tratando-se das questões sobre a escolha profissional e projeto de vida do(a) filho(a). É nosso desejo que a pesquisa contribua para que a figura paterna solidifique suas conquistas de igualdade perante a lei e que oriente sobre a questão da escolha profissional do filho(a), como também para a melhoria das relações entre pais e filhos(as).

I. FAMÍLIA: ONTEM E HOJE

Um homem é sempre um contador de histórias, ele vive rodeado por suas histórias e as dos outros, ele vê todas as coisas que lhe acontecem através delas; e ele tenta viver sua vida como se fosse recontando-as. (Sartre)

1.1. Breve resgate histórico da família

A instituição família, desde a Idade Média até os dias de hoje, vem passando por profundas transformações de representação ideológica na sociedade atual. A partir da obra “Teoria Crítica da Família” (Poster, 1979) é possível ampliar a compreensão da resignificação/reestruturação da família na contemporaneidade. O objetivo de Poster, ao propor a sua teoria, foi de examinar o padrão psicológico da família moderna e sua evolução, assim como questionar a convivência estabelecida neste tipo de família.

Segundo Poster (1979) existem quatro modelos familiares. Eles dizem respeito às famílias aristocrática/patriarcal e camponesa, prevalentes na Idade Média, e às famílias proletária e nuclear/burguesa, na Idade Moderna. A seguir, apresentaremos um resumo dos modelos de família apresentados por Poster:

As características das famílias Aristocráticas (séculos XVI e XVII) consistiam em casas que incluíam uma mistura de parentes, dependentes, criados e clientes (desde 40 até mais de 200 pessoas); alta fertilidade, alta mortalidade; instabilidade entre os componentes da família; os grandes castelos eram lugares públicos e políticos e não havia nenhuma privacidade entre as pessoas. As relações entre os membros familiares eram hierárquicas e os papéis fixados por rígidas tradições. O casamento representava um ato político da mais alta ordem e tinha pouco a ver com sexo ou amor e as mulheres da família aristocrática eram

consideradas criaturas tão sexuais quanto os homens. Amor e sexo não eram assuntos privados e secretos. As funções das esposas consistiam em ter filhos e organizar a vida social da família. As crianças eram consideradas pequenos animais não sendo, de maneira geral, objetos de amor e afeição. Os bebês eram amamentados por amas de leite e pouco se sabe sobre os cuidados que recebiam. A morte deles às mãos da ama era comum, o que fazia algumas delas serem consideradas como “amas assassinas”. As crianças formavam seus primeiros vínculos com alguém que não pertencia à família. A vida emocional das crianças não gravitava em torno dos pais, mas estava difundida numa vasta gama de figuras adultas.

A família Camponesa (séculos XVI e XVII) incluía grandes disparidades em relação à posição econômica e riqueza, compreendendo desde os meeiros e os trabalhadores diaristas, até os agricultores independentes. As pessoas casavam muito tarde (perto dos 30 anos), tinham poucos filhos vivos (4 ou 5), existindo alto índice de natalidade e mortalidade. A autoridade social não estava investida no pai da casa, mas na própria aldeia. As mulheres eram subordinadas, embora em sua própria esfera dispusessem de considerável poder e o seu trabalho fosse vital à sobrevivência da família e da comunidade. As esposas camponesas não eram objetos sexuais nem companheiras íntimas; eram camaradas de trabalho, julgadas por suas habilidades e robustez. As mães camponesas eram ajudadas nos deveres de cuidar dos filhos por parentes, pessoas de idade e moças solteiras. Para poder trabalhar, as mães enfaixavam os filhos e os deixava sozinhos o dia inteiro, ainda em tenra idade. Os filhos eram subalimentados e saíam do primeiro estágio de vida sem muita confiança básica e não havia preocupação com hábitos de higiene nem controle da vida sexual. A família conjugal estava integrada nas mais amplas redes de sociabilidade. As crianças não eram controladas pelos pais camponeses do mesmo modo que eram pelos pais burgueses no período moderno. A vida, para os camponeses, tinha um padrão fixo, governado por inúmeras tradições que nem mesmo eram postas em dúvida pelos indivíduos. O patriarcado camponês era diferente do

aristocrático e do burguês. A partir do século XVI os direitos dos pais sobre os filhos aumentaram consideravelmente, porquanto a ideologia do patriarcalismo considerava a autoridade parental decisiva para a autoridade monárquica.

Na Idade Moderna (séculos XIX e XX), a família da classe trabalhadora ou proletária sofreu transformações espetaculares num período de menos de dois séculos. Recrutada entre o campesinato deslocado e os níveis mais baixos da sociedade urbana, a classe trabalhadora industrial desenvolveu uma estrutura de família sob condições de angústia social e econômica. Entretanto, no decorrer de um século, a família da classe trabalhadora começou a parecer-se muito com a família da classe burguesa. Abaixo serão descritas algumas características desse tipo de família da classe trabalhadora.

No primeiro estágio – período inicial – ocorreu o mesmo padrão demográfico: alta natalidade e alta mortalidade; os salários eram baixos e toda a família tinha que trabalhar, normalmente com jornadas de trabalho de 14 a 17 horas por dia; as condições de higiene eram as piores possíveis, por isso o lixo era jogado na rua ou simplesmente removido para fossas a céu aberto; os padrões sexuais continuaram mais ou menos os mesmos da era pré-burguesa, a par de uma diminuição dos controles comunitários.

Nas fábricas eram comuns os encontros sexuais antes do casamento, além da exploração de operárias por patrões e capatazes. Os jovens de ambos os sexos afirmavam cedo sua independência dos pais. Por volta dos 13 ou 14 anos os filhos podiam sair da casa dos pais e buscar trabalho. Eles eram criados de maneira informal, sem a constante atenção e fiscalização da mãe. As crianças eram amamentadas ao peito por mães subalimentadas, exaustas e preocupadas. As crianças proletárias eram criadas na rua, e não pela família, e as formas tradicionais de autoridade foram debilitadas pelo processo de industrialização. Por conseguinte, o processo de socialização dessas crianças para a disciplina da fábrica não era provavelmente realizado no lar, mas na própria fábrica. Em comparação com as crianças

burguesas, as crianças proletárias tinham uma rede muito mais ampla de adultos. A industrialização não produziu a família privada burguesa entre a classe trabalhadora, pelo menos não no começo. Os trabalhadores resistiram à dominação capitalista mediante a preservação de antigos laços comunitários.

No segundo estágio – a mulher cada vez mais no lar, com os filhos – o padrão burguês de diferenciação dos papéis sexuais começou a exercer efeito. Contudo, a completa domesticidade burguesa não atingira ainda a classe trabalhadora. A tendência dos trabalhadores do sexo masculino era a de formarem uma sociedade masculina que gravitava em torno do bar, ao passo que as mulheres estabeleciam sua própria comunidade baseada na residência, cada vez mais confinada ao espaço doméstico.

No terceiro estágio – quando o casal se mudou para o subúrbio (1950, para o grupo londrino) – foram quebrados, de certo modo, os vínculos com a mãe e a comunidade. Nesse ponto a esposa proletária ficou isolada no lar, o marido trocou o bar pela domesticidade e os filhos passaram a constituir um centro prioritário de atenção. O futuro dos filhos era, agora, a máxima preocupação do pai e da mãe. Só nesse terceiro estágio foi que a classe trabalhadora adotou plenamente o padrão da família burguesa. Os trabalhadores pensavam a família como um refúgio da sociedade. As esposas proletárias adotaram os valores do maternalismo e da domesticidade.

Com o período caracterizado como da Família Burguesa (meados do Século XIX), o casamento começou a acontecer imbuído de romance e sentimentos. As divisões de papéis sexuais nas relações da família contribuíram para a perpetuação do modelo durante um bom tempo. "O marido era a autoridade dominante sobre a família e provia o sustento dela pelo trabalho na fábrica ou no mercado. A esposa, considerada menos racional e menos capaz, preocupava-se exclusivamente com o lar (...)" (Poster, 1979, p. 190).

A família burguesa gerou uma nova estrutura emocional: a mãe dedicava-se inteiramente aos filhos, amamentando-os, cuidando deles. O papel do pai na educação do filho era mínimo. Houve restrições ao prazer sexual da mulher fora do casamento. A família tornou-se um contexto de afeto e não de prazer sexual. Por este motivo o homem buscava prazer sexual com outras mulheres de classe inferior, fora do casamento.

A autoridade era restringida aos pais, pois havia um profundo amor parental pelos filhos. Havia tendência a empregar ameaças de retirada do amor a título de punição, em vez de castigo físico. Esse padrão resultava numa troca sistemática, por parte da criança, da gratificação corporal pelo amor parental, o que produziu a internalização profunda do progenitor do mesmo sexo. As diferenças sexuais converteram-se em profundas diferenças de personalidade determinando os padrões de masculinidade e de feminilidade. A masculinidade era definida como a capacidade para sublimar, para ser racional e ativo e, a feminilidade, por sua vez, como a capacidade para expressar emoções, para ser fraca e passiva. A dependência da infância, considerada uma fase inferior, era a base para se aprender a amar os que eram superiores. A passagem à idade adulta requeria a internalização da autoridade, representada pela figura do pai. A individualidade era adquirida ao preço da incorporação inconsciente das normas parentais. A estrutura da família burguesa era totalmente adequada para gerar pessoas com estrutura do Ego, o que alimentava a ilusão de que elas eram autônomas.

A família do final do século XX sofreu profundas mudanças em um mundo de transformações muito rápidas, com conflitos ideológicos, sociais e religiosos gerando profundo impacto no modo de vida das pessoas e influências nas relações familiares.

No Brasil, especificamente, a instituição familiar teve como referência a família europeia com a chegada da realeza portuguesa ao país. O poder patriarcal foi o modelo inicial da família brasileira e a influência da política higienista dos médicos teve um peso

significativo para a normatização dos hábitos e costumes que provocaram uma nova prática nos relacionamentos e na função parental (Chaves, 2006).

Só a partir da metade do Século XX, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, com o movimento feminista e com os métodos anticoncepcionais, foi que a dinâmica das relações familiares sofreu significativas mudanças. A partir da década de 60, as desigualdades na distribuição de renda impediram que as famílias tivessem acesso aos novos produtos e ao *status*, fatos estes que as excluíram da modernização. Para isto, a família ampliou o número de membros para ingressar no mercado de trabalho, incluindo as esposas que passam a participar na composição da renda familiar. Nesta época também houve grandes contestações dos jovens reivindicando novas formas de expressar a afetividade e a sexualidade.

Na década de 70, com o movimento feminista, surgiu um novo símbolo feminino: a mulher começou a se preocupar com a aparência física, o corpo, a vida sexual e o equilíbrio psíquico. O movimento feminista quebrou as estruturas tradicionais dentro da cultura, da família nuclear e suas relações (Golberg, 1989).

A família hoje é caracterizada como descontínua, não-linear e não-homogênea. É também representada como uma unidade de consumo; a criação dos filhos tornou-se mais “permissiva” surgindo um diferente modelo de relacionamento entre pais e filhos. Vive-se uma era de modernos padrões sexuais e aceitação da satisfação sexual; as mulheres começaram a exigir igualdade de trabalho, de salário, ameaçando o patriarcado que começara a ruir; alta elevação das taxas de divórcio e de sexo extraconjugal; declínio da domesticidade acompanhado do enfraquecimento do poder econômico do pai e outras configurações que marcam a família atual.

Essas questões são relevantes e, de certa forma, provocaram grandes transformações nas relações de afeto, e por isso atravessam as minhas inquietações enquanto pesquisadora.

1.2. Vínculos familiares atuais

As mudanças da família dos séculos XX e XXI e suas implicações são temas cada vez mais discutidos pela psicologia e sociologia nos dias de hoje. Essas transformações estão sendo marcadas pela globalização, informatização, conflitos religiosos e ideológicos. Para Gomes (2003), essas configurações familiares, mais precisamente a partir dos anos 70, apresentam-se mutáveis e dinâmicas: a antiga estabilidade da família nuclear parece ameaçada pelos casamentos monogâmicos desfeitos, a reformulação radical dos papéis femininos e masculinos, casamentos e adoções por casais homoafetivos, diferenças hierárquicas na relação entre pais e filhos, manipulação genética da prole, concepção assistida ou *in vitro*, produção independente e outros; provocam fantasias de descontrole perante o futuro incerto e a onipotência biológica.

Quando se fala em vínculos familiares, conseqüentemente imaginamos a instituição do casamento, ou seja, a união entre um homem e uma mulher. Especificamente, o casamento heterossexual tem a função de proteger os seres humanos, pois possui papéis bem definidos, passíveis de aceitação e inserção social; facilita também a estabilização da identidade e o acolhimento do desejo amoroso e da necessidade de intimidade; possibilita a formação de uma rede de apoio por pessoas externas e defende-os de si mesmos, prolongando o tempo de vida. O casamento tem sido um importante fator de estabilização social e psíquica (Gomes, 2003). Pesquisas recentes mostram que o casamento torna mais fortes e longevas as pessoas que optam por uma união estável. Por outro lado, o indivíduo sozinho, viúvo ou solteiro, vive menos e adoece mais cedo (Ramos, 2003).

Se o casamento oferece todos esses benefícios, então por que nos deparamos com uma série de casais heterossexuais afetivamente desamparados, sozinhos e desarmoniosos? As mulheres queixam-se demasiadamente de seus parceiros com relação à falta de atenção e

distanciamento, enquanto que os homens se lamentam por mulheres que estão sempre insatisfeitas, exigentes e pouco colaboradoras com as questões domésticas e cuidados com os filhos.

Estamos assistindo a diversos acontecimentos e mudanças nos relacionamentos em nossa sociedade. Estas mudanças podem ser oriundas de fatores que podem justificar este comportamento, a saber: a superficialidade nas relações vinculares – relacionamentos poucos duradouros permeados de infidelidade sexual; permissividade nos relacionamentos – múltiplas e diversas experiências sexuais e afetivas; o “ficar” na adolescência – forma descompromissada de beijar vários estranhos numa única festa, o que é motivo de orgulho para muitos jovens- mudanças dos papéis femininos e masculinos; dentre outros que, de certa forma, estremeceram os vínculos afetivos do casamento e familiares como um todo.

Pesquisas realizadas na Europa, pelo Instituto Austríaco IIASA (International Institute for Applied Systems Analysis), no final do século XX, apresentaram os seguintes aspectos: diminuição no número de casamentos; acentuado índice de divórcios em ambos os sexos; aumento no número de homens solteiros e sem casamentos prévios; número estável de mulheres solteiras sem casamentos; diminuição da fertilidade, sendo a taxa de infertilidade 28% maior dentro do casamento, com concomitante aumento relativo de 50% da taxa de fertilidade fora do casamento. Essas pesquisas, embora tenham sido feitas na Europa, estão em sintonia com pesquisas brasileiras, uma vez que, aqui no Brasil, alguns dados também são semelhantes, como o aumento da fertilidade extraconjugal e a diminuição de casamentos civis, conforme citado em Gomes (2003).

Diante de tais mudanças dentro da instituição do casamento no século XXI, o relacionamento entre as pessoas também sofre as consequências, como, por exemplo, os casais que se separam com mais facilidade do que antigamente, formando novas famílias. Percebe-se que a instituição da qual tratamos e suas novas formas de vínculos, como por

exemplo, as famílias alternativas (os casamentos homoafetivos, as produções independentes, as inseminações artificiais, guarda compartilhada, famílias mosaico, entre outras) estão cada vez mais presentes em nossa sociedade. Temos como exemplo na mídia, um recente programa de uma grande emissora da TV brasileira, chamado de “Tudo novo de novo”, lançado em abril de 2009, onde dois atores protagonizam a vida de um homem e de uma mulher descasados que tentam superar as dificuldades com filhos e ex-parceiros para formar uma nova família. O seriado mostra o drama, valorizando os conflitos familiares dos personagens, sendo a representação de fatos cada vez mais presentes nas famílias brasileiras.

Essas configurações atuais estão sendo vivenciadas com mais aceitação, embora ainda surpreendam as pessoas, uma vez que o preconceito e a discriminação ainda estão muito presentes. São famílias que já estão fazendo parte da nossa cultura e contribuindo também para as transformações das leis, sendo objeto de estudos concernentes à área jurídica e científica. A constatar isto, o casamento homoafetivo vem adquirindo cada vez mais conquistas de ordem legal. Nos países como Holanda, Bélgica e Alemanha já é legal e permitido o casamento homoafetivo e, em outros países da Europa, o número de adoções por casais homoafetivos aumenta a cada ano, inclusive nos casos de crianças negras, excepcionais ou com graves distúrbios psíquicos (Gomes, 2003).

No Direito brasileiro a convivência entre pessoas do mesmo sexo não possui regulamentação legal, mas alguns projetos de lei que tratam do assunto já foram apresentados para votação. Entre eles podemos citar o Projeto de Lei nº 1.151/95 (Código Civil Brasileiro), que recebeu o nome de "Projeto de Parceria Civil Registrada entre pessoas do mesmo sexo". O referido Projeto foi considerado um marco na sociedade quanto à discussão acerca da homoafetividade no país e, conforme sua própria justificativa, não tem o objetivo de dar às parcerias homoafetivas um status igual ao do casamento, mas sim conceder amparo às pessoas que firmem esse tipo de parceria, priorizando a garantia dos direitos de cidadania.

No tocante à adoção de crianças por casais homoafetivos, a legislação vigente, em especial a Carta Magna e o Estatuto da Criança e do Adolescente, não apresenta restrições, pois não coloca, entre os requisitos do referido instituto, a opção sexual do adotante. O assunto só começou a ser enfrentado abertamente pela Justiça brasileira na década de 90, quando o titular da 2ª Câmara Civil do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro aprovou as primeiras adoções por homossexuais solteiros. Em 2006, em uma decisão inovadora, a Justiça emitiu, em Catanduva, interior de São Paulo, certidão de nascimento em que um casal homoafetivo masculino responde pela paternidade da adotada. Nesse caso, o Ministério Público não recorreu da decisão, confirmando que o posicionamento do judiciário vem mudando em relação a essa parcela da sociedade, levando os ativistas a acreditarem que a manifestação do tribunal abriu um precedente e serviu de estímulo para que outros casais em mesma situação façam o mesmo. Houve outro caso, especificamente no Recife, em que o Juizado da Infância e da Juventude deu sentença favorável ao pedido de adoção de duas irmãs – de cinco e de sete anos – feito por um casal homoafetivo masculino que vive em Natal (Verônica, 2009).

Na nossa sociedade, o preconceito em relação aos casais homoafetivos ainda é muito grande, bem como sobre adoções por homossexuais. Contudo, diante das mudanças acontecendo na sociedade e na família, cabe ao Direito acompanhá-las, sendo constantemente atualizado. Apesar de não existir ainda uma lei que proteja a união homoafetiva, deve o Juiz basear-se nos princípios e costumes do Direito, para resolver a questão dentro dos preceitos constituintes; e para os casos de adoção, deve prevalecer aquilo que é melhor para a criança e o adolescente, pois adotar vai muito além da orientação sexual de quem deseja fazê-lo.

No Brasil, a evolução do conhecimento científico, a globalização, o declínio do patriarcalismo e a redivisão sexual do trabalho transformaram a concepção tradicional da família hierarquizada, existente até a metade do século passado, deixando de ser ela a fonte

fundamental da economia e da reprodução. Essa mudança de paradigma ocorreu, também, devido à Constituição Federal Brasileira de 1988, que nos seus artigos 226 e 227 inovou, trazendo a previsão da liberdade quanto ao planejamento familiar, incorporando ao ordenamento novos tipos de entidades familiares baseadas no afeto, e não mais inteiramente no aspecto biológico. Diante desta ideia, o antigo modelo de família patriarcal e hierarquizada, centrada no casamento, evoluiu para uma família moderna, onde a liberdade de escolha fica evidente, já que lhes é permitido o planejamento familiar. Muitas vezes este projeto não pode ser realizado, pois o filho tão esperado não vem, restando a busca por uma forma alternativa de procriação – a artificial, ou seja, as reproduções assistidas (inseminação artificial e fecundação *in vitro*).

A reprodução humana assistida é um tema polêmico e atual, que desencadeia debates éticos e questionamentos jurídicos, visto que interfere no processo de procriação natural do homem, surgindo situações até pouco tempo inimagináveis cujas aparições desafiam o Direito, principalmente no que tange às relações de parentesco, fazendo com que o conceito de filiação seja repensado.

Outro aspecto a ser destacado com relação às questões sobre as configurações familiares da atualidade diz respeito à fragilidade dos laços entre os indivíduos, a transitoriedade das posições identitárias e as profundas mudanças ocorridas nas instituições sociais. Diante dessas considerações, como pensar as posições paternas e maternas neste cenário?

Indicadores demográficos revelam a crescente diversidade dos arranjos familiares, mas estes dados tomados isoladamente, não ajudam a entender como estão se constituindo os lugares sociais de pai, mãe, filhos/as; demonstram, sim, a pluralização das relações familiares. Portanto, há que se buscar a forma como estão sendo significadas/vivenciadas (Hennigen & Guareschi, 2002).

No que diz respeito à interação mãe-criança, foi considerada a díade primordial nos estudos de desenvolvimento da criança e posta em evidência pela Psicologia. Até a década de 70, os estudos sobre o desenvolvimento praticamente excluía a figura paterna, responsabilizando a mãe pelo sucesso ou fracasso do desenvolvimento dos filhos. Acreditava-se que uma maternagem competente era a chave do bom desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança, por conseguinte não seria necessário estudar a qualidade da interação pai-criança.

De fato, a mãe era considerada, na época, a pessoa mais preparada para a criação do seu filho. Mas, com o transcorrer do tempo a mulher conquistou o seu espaço na sociedade e passou a trabalhar, estudar, votar, ou seja, passou a contribuir mais para a história da humanidade, sendo este fato de fundamental importância para deslocar a concepção do sujeito moderno. Como consequência disto, gerou a perda da legitimidade do patriarcado que se tornou uma das mudanças mais significativas no final do século XX. A partir deste momento da história, houve um aumento de famílias monoparentais chefiadas pelas mulheres e o ofuscamento da figura do pai na constelação familiar.

Hoje observamos que as tarefas e os afazeres não são exclusivos dos homens ou das mulheres. A juventude de hoje não aceita mais os modelos de antigamente, que eram providos pelos pais de gerações passadas. Os modelos de ontem não servem mais como orientação e referência para padrões definidos do homem e da mulher de hoje, contribuindo radicalmente para a transformação da estrutura familiar tradicional.

Como reflexo dessas mudanças, muitas pesquisas, as quais serão citadas no próximo capítulo, mostram um comportamento bastante expressivo sobre a nova postura da figura paterna nos tempos de hoje. Alguns pesquisadores, como Crepaldi, Hennigen, Guareschi, Polity, Poulter e outros, começaram a prestar mais atenção na influência do pai no desenvolvimento da criança e do adolescente. Criou-se uma expectativa de que o pai assuma

também algumas tarefas, antes pertencentes apenas à esfera feminina, e que ele possa cuidar também das crianças e do lar.

Contudo, diante desta crise da identidade paterna, nas concepções psicológicas e socioculturais, de que forma a referida figura, nos dias de hoje, consegue lidar com essas novas configurações e o seu papel dentro da família e na sociedade? Isto será tratado no próximo capítulo.

II. VÍNCULO PATERNO E SUAS MUDANÇAS

[...] os homens atravessaram uma revolução calada. Com menos estardalhaço que as mulheres, mas com não menos significado, eles desenvolveram novos e mais diversos padrões de compromissos com as mulheres, filhos e famílias [...] (Gerson)

2.1. Da figura de autoridade à participação no cuidado

Como já foi dito anteriormente, a instituição do casamento surgiu para dar garantia à homeostase de um sistema maior – a sociedade. Esta passa a ter a função de transmitir valores e a cultura passa a ser delegada ao pai. A transmissão de autoridade, que antes era matrilinear, passa a ser de pai para filho homem. O pai então vai se tornar indispensável à perenidade do grupo familiar surgindo a “autoridade do pai”, uma autoridade absoluta capaz de transmitir aos seus descendentes os bens, poderes e tradições – a família patriarcal. O lugar da mulher passa a ser exclusivamente da vontade do chefe da família e de procriação, afastando-a dos estudos, trabalho e transferindo ao sexo masculino os privilégios do saber.

A tomada de consciência da existência de uma filiação e de uma comunidade familiar patrilinear resulta na constituição de unidades econômicas de base que correspondem ao domínio dos homens sobre a terra nas sociedades sedentaristas [...] A transmissão de autoridade passa então a ser feita do pai para o filho homem, em virtude de sua força física (para manter as conquistas) e da necessidade de uma educação diferenciada pelas classes sociais, o que não seria possível no coletivismo das sociedades matrilineares (Polity, Setton & Colombo, 2004, p. 52-53).

Então, os filhos passam a dever a obediência e respeito total ao pai, pois este último tem o poder de vida e de morte sobre os filhos. Para que se perpetue a linhagem paterna é

preciso que haja um filho do sexo masculino na família, mesmo que sua relação com o pai seja distante e fria. O pai é o grande transmissor da herança cultural da sociedade.

Referindo-se ao modelo tradicional de família – patriarcal, e nesta, a divisão das tarefas nos cuidados destinados aos filhos, Tronto (conforme citado em Crepaldi, Andreani, Ristoff, Hammes & Abreu, 2006, p.580), afirma que há uma divisão entre o que seria o "cuidar de" *versus* o "cuidar com", que atualmente parece ainda estar relacionado a uma divisão de gênero. O genitor que cuida de sua criança exercendo cuidados de vida diária, *cuida de*, e é geralmente a mãe ou substituta; e pessoa que colabora no cuidado, mas não exerce a função de forma regular e comprometida, *cuida com*, ou seja, responsabiliza-se por obter o sustento da casa. Esta geralmente é uma figura masculina, o pai ou substituto.

As mudanças socioeconômicas e culturais que foram se consolidando na segunda metade do século XX provocaram alterações nas condições femininas e masculinas, desencadeando a necessidade de se buscar diferentes compreensões sobre as relações pessoais e sobre os laços e novas configurações familiares. Neste contexto, o Feminismo, que se iniciou como um movimento de reivindicação de igualdade de direitos sociais abriu espaço para contestações e investigações em diversas áreas, a exemplo do movimento homossexual, violência doméstica, abuso sexual, entre outros (Hennigen & Guareschi, 2002).

Então, a partir da década de 60 (do século XX), o papel tradicional da mulher passou por grandes transformações e, conseqüentemente, o do homem também. Elas se tornaram verdadeiros sujeitos jurídicos e não se viam mais na dependência do pai ou de um marido. E o lugar do provedor, que era exclusivamente masculino, passou a ser distribuído entre os homens e as mulheres. Não cabia mais exclusivamente ao homem o sustento da família e o avanço das mulheres não parou por aí. Elas passaram a ser mães solteiras por vontade própria, custear despesas familiares sozinhas e os homens, que tinham apenas o papel de cuidar de uma família, tiveram que se adequar a esta nova realidade.

Em 1968 aconteceu uma grande mudança na sociedade e gritou-se pela primeira vez que: “um certo tipo de autoridade estava morta!”. Isto foi falado e escrito, instituído pela lei de 1970 sobre a “autoridade parental” – que marcou o tempo de um novo enunciado do pai: “autoridade parental pertencendo ao pai e à mãe”. O que é um pai? Depois dessas profundas mudanças ficou vaga a função da paternidade. A mídia, constituída por televisão, jornais, revistas e outros meios de comunicação, publica e provoca repercussões significativas acerca da questão paterna (Hurstel, 1996).

Na década de 70, começaram os estudos sobre a masculinidade e paternidade, mas só na década seguinte é que apareceram, com maior ênfase, estudos sobre a construção social da masculinidade e reflexões em torno da questão de gênero e papéis paternos. Pesquisas sobre paternidade, apresentadas ainda de forma fragmentada e tímida, investigam a participação mais efetiva do homem no contexto familiar, como no cuidado com os filhos, estando mais presente nas decisões e educação dos mesmos. Este homem passou a ser mais caracterizado como o novo pai.

A partir deste momento, a figura e o papel do pai sofreram profundas mudanças na família e na sociedade contemporânea. A função do pai, sob o ponto de vista jurídico, remeteu-se a deveres e direitos do pai exercidos em conjunto com a mãe, constituindo o poder familiar. O Código Civil Brasileiro se refere ao “poder familiar”, determinando a total equiparação entre homem e mulher dentro da família. Como já foi visto, a Constituição de 1988 ressaltou a proteção à dignidade da pessoa, ampliou o conceito de família, equiparou pai e mãe e determinou a igualdade filial. Sendo a Constituição Federal a Lei maior, à qual todas as outras devem estar submetidas, foram essas determinações constitucionais que permitiram que o novo Código Civil (Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002) estabelecesse normas correspondentes àquela orientação. A mudança da terminologia – pátrio poder para poder familiar – é por si importante, pois significa uma grande mudança nas diferenças de gênero

quanto a direitos e deveres dos cônjuges em relação à sociedade conjugal e dos pais em relação aos filhos (Polity *et al.*, 2004).

Em consequência disto observamos o quanto estas relações – entre homens e mulheres – vêm mudando consideradamente, ou seja, a delimitação das tarefas e funções dos homens e mulheres foram se extinguindo progressivamente e não se tem clareza a respeito de que afazeres são específicos, próprios de uns e de outros. Não há uma referência específica como antes, as atribuições se tornaram difusas. Certas atividades que cabiam às mulheres hoje já são assumidas pelos homens e vice-versa. Os modelos anteriormente vigentes já não servem como orientação (Ramos, 2003).

Já não se pensa, como até 20 anos atrás, que o principal fator constituinte da personalidade é a relação da mãe com a criança, e que a função do pai é apenas de proteger, facilitar e prover condições para esta relação, relação da qual ele se sente excluído, seja por falta de informação ou por conveniência do pai e da mãe. Desta forma, o que se via antigamente das mães irem aos juizes reclamando atenção e presença dos pais, que abandonavam as crianças com a separação, tem sido substituída pela situação contrária: um maior número de homens exigindo mais espaço na vida de seus filhos, sabendo que a sua realização, como pessoa e como homem passa, necessariamente, pela sua realização como pai. São pais capazes de distinguir que a separação é apenas da esposa, e não dos filhos.

Pesquisas citadas no artigo de Sutter e Bucher-Maluschke (2008) mostram o quanto o comportamento dessa nova figura paterna vem sendo estudado nas últimas décadas. As pesquisas referem-se ao fato de que a figura paterna está buscando cada vez mais o contato corporal íntimo com seu filho, que a imagem do pai embalando o bebê tem sido bastante explorada pela publicidade, ou seja, que o próprio símbolo de uma paternidade contemporânea aponta uma grande novidade: a de que os homens são capazes de se interessar pelo recém-nascido; sobre o exercício da paternidade nos dias de atuais, revela que o pai é

aquele que além de expressar a necessidade e o desejo de participar na criação de seus filhos, prioriza a paternidade em relação a outras áreas da vida; com relação a proximidade afetiva dos homens para com os filhos, representa efetivamente um signo de mudança sociocultural, embora ainda muito sutil, como uma semente da nova paternidade ainda por florescer; e que a “paternagem” seria o símbolo das transformações que atingem as famílias, funções parentais, casamento, status jurídico e social dos pais, pois as novidades sobre paternidade estão presentes, cada vez mais, nas inseminações artificiais, nas doações de espermatozoides e nas famílias multiparentais.

Demais estudos foram disseminando, cada vez mais, para uma melhor análise e compreensão na relação entre pai e filho. Dentre eles, a pesquisa de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (conforme citado em Silva & Piccinini, 2007), em que foram desenvolvidos três aspectos de avaliação do envolvimento paterno: interação, acessibilidade e responsabilidade. Em primeiro lugar, a interação refere-se ao contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas; acessibilidade à disponibilidade – física e psicológica – para a criança, possibilitando a ocorrência de interações; e, por fim, a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce, garantindo cuidados e recursos para a criança. Esses estudos ainda incluem ansiedade, preocupações e planejamentos que fazem parte do exercício da parentalidade.

Entretanto, estes estudos retratam que os pais nas relações com seus filhos, sabem cuidar tão bem quanto as mães. E que a qualidade da relação é desejada e tratada com amor, disponibilidade, responsabilidade, paciência e cuidados necessários para um desenvolvimento satisfatório da criança e/ou do adolescente.

A perspectiva emergente origina-se na ideia de que os homens são psicologicamente capazes de participar numa longa escala de comportamentos paternos e isso poderá ser bom para os pais e para as crianças, na medida em que eles assumirem um papel ativo nos cuidados e criação de seus filhos/filhas (Ramires, 1997, p. 31).

De fato, a interação pai-filho é fundamental para o desenvolvimento dos laços afetivos. A paternidade conquista um lugar na sociedade enfrentando novos desafios que fazem o homem rever a sua identidade masculina na contemporaneidade. Para Dorais (1994), a busca pela manutenção dos vínculos com as figuras parentais, as mudanças no mundo do trabalho e a tecnologia favorecendo a reprodução em laboratório são alguns dos desafios enfrentados na nova concepção de pai. Esses fatores envolvem questões éticas e legais e, conseqüentemente, emoções e ambivalência.

Segundo estudo divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2008) sobre desigualdade de gênero e raça, aumentou em 28% o número de pais solteiros em pouco mais de uma década. Isto significa que homens têm assumido, cada vez mais, a responsabilidade pela criação das crianças e adolescentes, brigando na justiça pelos seus direitos ao trabalho e ao prazer da convivência diária.

As recentes notícias a respeito do direito de família têm mostrado uma tendência que não se pode negar: o homem brasileiro está mais interessado na criação e na relação com os filhos do que nas décadas anteriores. Reflexos dessas mudanças na sociedade são novas leis criadas depois da Constituição Federal de 1988 concedendo aos homens direitos antes nem imaginados, como a guarda total ou compartilhada das crianças (dar a tutela a ambos os pais) e mais tempo de licença para cuidar do filho recém-nascido ou que acaba de ser adotado. Antes a guarda era unilateral, ou seja, o filho ficava apenas com um dos pais, que decidia sobre a vida da criança. Sancionada no dia 13 de junho de 2008, a lei altera o Código Civil. Com a guarda compartilhada, o pai e a mãe passam a dividir direitos e deveres relativos aos filhos e as decisões sobre a rotina da criança ou do adolescente, ou seja, todas as decisões relativas aos filhos, como a escola onde vão estudar, o pediatra, o dentista, as atividades de lazer e cultura, devem ser tomadas pelos dois.

Outras leis também surgiram apontando avanços nas questões sobre paternidade, como: licença paternidade, pensão alimentícia, visitação, adoção e, a mais recente, que é a investigação da paternidade estabelecendo a presunção da paternidade. Para o Juiz da Infância do Recife, Dr. Élio Braz Mendes, essa nova figura paterna, que surge na legislação, é o pai socioafetivo, que não é só o provedor e que não precisa ser o pai biológico, mas que estabelece uma relação de convivência, de amor e carinho com a criança (Fonseca & Monteiro, 2009).

Cada vez mais os meios de comunicação, como os programas de televisão, jornais, os filmes e a própria *internet*, mostram com rapidez as mudanças do “novo pai” que não quer apenas viver esta experiência. Ele quer falar sobre ela, quer trocar opiniões, exibir com orgulho seus filhotes e não há espaço mais propício para isso do que a *internet*. Na rede, onde todos os assuntos da atualidade são debatidos, existem centenas de comunidades virtuais dedicadas aos homens e suas questões. No Orkut, a rede de relacionamentos mais popular do Brasil, as palavras Pai e Paternidade trazem pelo menos 210 resultados. São comunidades criadas por quem ama seus pais e, principalmente, por quem ama ser pai. São muitos os internautas que externam na rede as suas experiências e expectativas em comunidades como: “Eu sonho em ser pai” (6.172 membros), “Vou ser um pai coruja!” (2.314 membros) e “Vou ser pai pela primeira vez!” (1.396 membros), “Vou ser o melhor pai do mundo!” (1.446 membros) (Fonseca & Monteiro, 2009).

Um “novo homem” nascerá de outro paradigma sobre a paternidade que o possibilitará compreender melhor ele próprio e a vida. Um aprendizado visceral, construído a partir do cotidiano, do conhecimento das mais diferentes formas de manifestação do “universo subjetivo” do filho (Nolasco, 1995, p.152).

De fato, as pesquisas sobre a figura paterna ainda são incipientes e apontam para as transformações no comportamento desse novo pai. Embora, cada vez mais a sociedade

acredite que o homem mudou, ou está mudando; as alterações na legislação do país para beneficiar os homens em suas relações de paternagem mostram que eles não querem mais ser apenas os provedores, os que pagam as contas e relegam às mulheres os deveres de cuidar dos filhos. Eles querem ser pais participativos e colaboradores, preocupados com a família, com o dia a dia de seus filhos (as) e com as questões escolares-educacionais.

De que forma, então, esses comportamentos mais cuidadosos, atenciosos e afetivos demonstrados por alguns pais diante dos filhos (as) podem influenciar nas escolhas profissionais e nos projetos de vida futuros dos mesmos?

2.2. Participação paterna no projeto de vida e escolha profissional do adolescente

Ao falar brevemente da relação homem e profissão, na geração 60/70 do século passado, observamos que a maioria das pessoas foi educada numa família em que o homem era o principal mantenedor da família: o pai era visto como uma figura que usava roupa de trabalho ou uniforme e ia trabalhar todos os dias, enquanto a mãe se encarregava do lar. Quando trabalhava, a mãe era considerada com pouca importância na perspectiva financeira e profissional. Os homens ganhavam mais dinheiro, não deixavam de trabalhar para ter que criar os filhos e tinham um trabalho “de verdade” – Médico, Advogado, Engenheiro – diferente das mulheres que assumiam profissões de assistência – Professora, Enfermeira, Assistente Social e outros (Poulter, 2008).

Sabemos que ainda existem muitas famílias que vivem desta forma: tradicionalmente os homens ganham mais que as mulheres e ainda é pouco provável que o homem fique em casa cuidando dos filhos. Entretanto, mudanças têm ocorrido nos últimos anos: já vemos mulheres assumindo funções, que durante muito tempo eram de exclusividade do homem, como: Engenharia, Militar, Piloto de avião e outros; e o homem assumindo cada

vez mais funções do lar e, principalmente, desenvolvendo a paternidade com mais presença afetiva, participando mais da educação, da alimentação e do dia a dia da vida do(a) filho(a).

Diante deste fato, é cada vez mais notória a participação do pai na vida da criança e do adolescente no que se refere à educação, vida pessoal e profissional. Entretanto essa participação, muitas vezes, influencia no projeto de vida e na escolha profissional levando o filho a escolher a mesma profissão do pai.

Segundo Poulter (2008), a influência paterna se mostra de muitas maneiras diferentes na escolha profissional do filho. Pode criar no futuro uma fragilidade significativa no trabalho, assim como uma significativa fortaleza. Pode também determinar o nível de satisfação e motivação diante da escolha. A influência do pai guia consciente ou inconscientemente a escolha e o desenvolvimento da carreira do filho, como a capacidade de obter êxito e desenvolver relações profissionais significativas. “O modo como o pai exerce a paternidade constitui a base que o fator pai estabelece na sua vida profissional” (p.18).

Referimo-nos à importância das relações entre pai e filhos para o desenvolvimento da personalidade da criança e do adolescente dentro da família. Sabemos que pais e mães são cruciais no processo de estabelecimento de vínculos dentro de uma família e que desejamos de maneira natural nos vincular, relacionar e afeiçoar-nos às pessoas em nosso mundo. Entretanto, Poulter (2008), ao citar Bowlby, afirmou que o vínculo com a figura paterna tem o poder de criar expectativas sobre todas as nossas relações subsequentes, ou seja, o modo como nos apegamos ao nosso pai, afeta nossas relações com as figuras atuais, como, por exemplo, nossos professores, chefes, parceiros ou qualquer outra figura de autoridade.

Para entender melhor essa dinâmica de afeto paterno, temos como exemplo algumas situações para compreender certas condutas, comportamento e escolhas profissionais. Alguns líderes de organizações provêm de lares em que o pai era uma figura forte; encontramos também alguns líderes que tiveram relações afetivas distantes com o pai adotando posturas

frias e agressivas diante de seus subordinados. Alguém que teve uma relação afetiva insegura com seu pai procura trabalhar com um chefe que seja um pai substituto, pessoas que deem uma grande atenção aos seus subordinados e exibam uma grande empatia. E também há pessoas que tiveram relações afetivas tão débeis com o pai que lhes falta a autoestima necessária para se expressar com força e criatividade prejudicando sua vida profissional (Poulter, 2008).

A participação paterna na escolha profissional do adolescente, se perpetua sobre o desenvolvimento da carreira e vida profissional futura. Uma pesquisa realizada por Molina (2006) com filhos de militares, para verificar a influência paterna, mostrou que vários fatores colaboraram para a decisão desses filhos em seguir a mesma carreira, como: moradia em “vila militar”, onde a cultura e os valores da instituição são absorvidos; pais inseridos nos projetos pessoais e profissionais dos filhos desde tenra idade; conhecimento de detalhes da carreira através da família e admiração pelas atividades que o pai desempenha.

Um estudo realizado por Bourdieu (1997) com relação às contradições da herança, diz que a transmissão da herança paterna é um dos aspectos mais contraditórios da construção da subjetividade do adolescente. A questão da ordem das sucessões e da perpetuação da linhagem fundamenta o projeto dos pais para os filhos. Ele salientou que existe, em qualquer sociedade, a tendência, por parte do pai, a “perseverar no ser”: perpetuar a posição social, a essência da herança paterna (p.07-08). O pai ocupa o lugar e é o instrumento de um projeto que é transmitido, por formas de ser e por ações orientadoras para a perpetuação da linhagem.

Herdar, diz Bourdieu (1997), é continuar o conhecido, ser instrumento dócil desse projeto de reprodução. A herança bem sucedida vai exigir que ele se diferencie do pai, supere-o, negue-o. Caso contrário, para não decepcionar o pai, ele fracassa. Com isto o adolescente vive a contraditória missão: decepcioná-lo, assumindo o fracasso ou superá-lo e viver o êxito como transgressão. Outro aspecto citado por Bourdieu é que o desejo dos pais vai além do

possível, ou seja, cobra dos filhos o que não é possível de realizar, um eu ideal quase irrealizável. Diante disto, questionamos acerca dos modos de subjetivação específica da nossa cultura, da família na contemporaneidade e dos tipos de modelo oferecidos aos adolescentes de hoje.

Os estudos de Andolfi e Angelo (1988, p. 37), complementam essa ideia chamando de “verdadeiro código comportamental”, ou seja, à medida que as imagens vão sendo incorporadas, mais coeso fica o sistema familiar e mais repetitiva será sua dinâmica de funcionamento.

Ainda mencionando as ideias de Poulter (2008), para fazer uma boa escolha profissional, avançar na vida profissional e atingir metas ambiciosas é fundamental entender a importância das relações e o conceito de afeto, em especial com relação à figura paterna. Para isto, o autor definiu quatro estilos particulares da relação afetiva do pai com o filho (a) que possuem suas próprias características e perspectivas que influenciam no desenvolvimento da criança e do adolescente. São elas: intermitente, evasivo, deprimido ou seguro.

O estilo intermitente representa uma relação aleatória, inconstante e imprevisível. As necessidades primárias (emocionais, físicas e mentais) são ora satisfeitas, ora não satisfeitas. Esta incerteza e inconstância paterna alimentam o temor infantil de que o mundo não seja um lugar seguro. Caso contrário, a constância e previsibilidade emocional constroem a confiança, sendo ela a base para todo o afeto das relações humanas.

O estilo evasivo caracteriza o pai que carece de expressão emocional, contato físico ou comunicação exterior de empatia. Muitos homens amam seus filhos, mas têm dificuldade de expressar seu amor verbalmente ou com afeto. Como resultado, muitos filhos se acostumam com o isolamento emocional e têm dificuldades de expressar seus sentimentos com os demais. A preocupação resultante de um estilo evasivo do pai na relação com seu filho, que é visto como uma pessoa reclusa, um lobo solitário ou um estranho num ambiente emocional no

trabalho, advém do fato de que isto impede o crescimento e o avanço profissional do indivíduo. A confiança e o desenvolvimento profissional são construídos em torno de conexões humanas próximas.

O estilo deprimido revela uma característica de pouca energia, distraído e desatento às necessidades dos filhos. Podem apresentar- com a perda do emprego, contratempos financeiros- alguma enfermidade ou relações afetivas problemáticas e não necessariamente estar clinicamente deprimido, incapaz de funcionar cotidianamente em todas as áreas. Como consequência, os filhos sofrem de problemas com a autoestima e sentimento de desvalia.

O estilo seguro é o estilo ideal, pois se caracteriza por ser o pai emocionalmente capaz de “ler”, escutar e aprender as necessidades do filho (a). Este estilo de pai satisfaz as necessidades incipientes (físicas, emocionais e mentais) dos filhos. Há uma relação de confiança e segurança para o desenvolvimento futuro da personalidade, crescimento intelectual e escolhas profissionais. Como resultado deste estilo de afeto, adolescentes no futuro chegam a ter um desempenho excelente no emprego e alcançam metas ambiciosas na vida profissional. Têm a capacidade de assumir riscos, de ter um bom equilíbrio emocional e uma boa empatia e confiança com os companheiros do trabalho. São pessoas que projetam um ar de confiança e poder de decisão para os postos de administração e liderança.

Portanto, a influência pode ser mais saudável quando há uma identificação com a figura paterna, interesse pelas atividades desenvolvidas pelo pai e, conseqüentemente, prazer em aprender aquilo que o pai faz; ou do contrário, quando há uma expectativa e cobrança do pai, causando insatisfação e frustração no futuro profissional do filho. O importante é que a escolha seja consciente, na concepção do filho e, não obrigatória, na concepção do pai.

Entender o afeto paterno é de suma importância para obter êxito nas escolhas e metas profissionais. O importante na relação é saber como usá-la para fazer melhores escolhas relativas à vida pessoal e profissional, hoje e no futuro.

Estamos no início do século XXI e sabemos que estudos sobre a figura do pai e sua influência na vida profissional do filho (a) ainda percorrerá grandes desafios e transformações oriundos dos fatores socioeconômicos e familiares. A certeza que temos é que o “novo pai”, diferente das décadas anteriores, está preparado ou se preparando para lutar pelos seus direitos e assumir cada vez mais seus deveres de pai socioafetivo, não apenas só de pai provedor e biológico, estabelecendo uma relação de convivência, amor e carinho com seus filhos.

III. ESCOLHA PROFISSIONAL

A pessoa que escolhe suporta as determinações da estrutura do aparelho psíquico e da estrutura social, que se expressam através da dialética dos desejos, identificações e demandas sociais e que são veiculadas pela família, pela escola e pelos meios de comunicação de massa (Bohoslavsky).

3.1. Escolha profissional do adolescente e a formação da identidade

Existem várias teorias que retratam o desenvolvimento vocacional/profissional. Foi a partir de Platão que houve uma grande preocupação com a escolha profissional quando ele falava da ideia do “homem certo no lugar certo” (“The right man in the right place”). Depois veio Juan Huart com a obra *Examen de Ingenios para las Ciencias*, falando da importância com o lado do indivíduo e o da profissão; já Guibelet destacava a questão da “afeição” como um aspecto importante para o êxito de uma profissão. Apenas em 1909, com as ideias de Frank Parsons, foi que os psicólogos passaram a compreender melhor o indivíduo e as exigências de uma profissão (Levenfus, 1997).

Com a “Teoria Desenvolvimentista” da escolha vocacional, iniciada por Eli Ginzberg, houve uma definição como sendo um processo de desenvolvimento que se inicia no final da infância e termina no início da idade adulta, abrindo portas para a Psicologia Vocacional. Ginzberg complementa que a escolha profissional é marcada por períodos nos quais o indivíduo deve fazer compromissos entre seus desejos e suas possibilidades. Para ele, a criança faz escolhas fantasistas que levam em conta suas potencialidades e as contingências de tempo. No período da adolescência, passa a considerar a futura escolha profissional a partir de seus interesses e também de suas capacidades (o que gosta e o que pensa que pode realizar). Assim, leva a considerar os fatores de realidade capazes de facilitar ou obstaculizar

a realização de suas ambições. Começa também a explorar as possibilidades ocupacionais e cristalizar suas preferências para definir as atividades que possa realizar no futuro. Na fase adulta, passa pelo período de especialização e pela determinação de engajar-se profissionalmente. Contudo, Ginzberg, com sua teoria estruturada por períodos e estágios, marca uma época de grande importância para a conceitualização de escolha profissional em relação à adolescência. (Levenfus, 1997).

Outras teorias também deram suas contribuições para o conceito de escolha vocacional/profissional, como: 1) a “Teoria do Traço e Fator” da psicologia vocacional, fundamentando que o indivíduo é portador de características determinantes (interesses, aptidões, limitações, traços de personalidade) e de que toda atividade profissional exige a execução de uma série de tarefas específicas; 2) a “Teoria Psicodinâmica”, oriunda da abordagem psicanalítica, postula que características da personalidade influenciam a escolha profissional (identificação, desenvolvimento dos mecanismos de defesa e teoria da sublimação) e a satisfação de necessidades básicas (autorrealização); 3) a “Teoria da Decisão” (abordagem sociocognitiva) procedente das orientações psicológicas modernas, ou seja, baseada no autoconhecimento, na análise da situação problemática e na busca de informações pertinentes (Levenfus, 1997).

De fato essas teorias, ao longo da história da psicologia vocacional, foram imprescindíveis para as mudanças do desenvolvimento vocacional/profissional. Mesmo que algumas teorias tenham sofrido críticas ao relatarem que o homem é um objeto de observação, diagnóstico e orientação, outras o entenderam como um sujeito de comportamento (aptidões, interesses e faculdades), com capacidade de decisão e possibilidade de escolha.

Partindo das implicações filosóficas, ideológicas e científicas ao sopesá-lo assim, considera-se que a escolha do futuro é algo que lhe pertence e que nenhum profissional tem o direito de expropriar. Filosóficas porque supõem toda uma concepção e valorização do

homem. Ideológicas porque, ao dizer “possibilidade de escolha”, “direito de opção”, essas expressões referem-se à vida real e concreta dos seres humanos e à análise da liberdade. E implicações científicas porque modificam os conceitos básicos da orientação vocacional e seus aspectos teóricos e técnicos (Bohoslavsky, 1998, p.22).

A escolha profissional é uma grande geradora de conflitos emocionais na vida do jovem, pois significa umas das decisões mais importantes de sua vida. Ela transcende à própria pessoa, pois repercute e sofre várias influências, inclusive da família e da sociedade. É a parte da definição da identidade ocupacional e de uma opção, isto irá nortear os caminhos a serem percorridos e as escolhas futuras. Escolher é, ao mesmo tempo, decidir e abdicar. Uma escolha implica em deixar para trás as opções que ficaram de fora. Para Levenfus (1997), “escolher” configura-se como uma despedida, um luto.

A pessoa que escolhe, na maioria das vezes é um adolescente. A adolescência é um período de busca de si mesmo e de formação de uma identidade. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Art. 2º - considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aqueles entre doze e dezoito anos de idade. É uma ocasião também de crises e questionamentos chamada de nascimento existencial, em que o adolescente começa a ingressar na fase adulta e a definir certas questões presentes nesta fase, como: a sexualidade, a vida afetiva e a escolha profissional. A adolescência é também uma fase do ciclo da vida em que o indivíduo passa por transições (“*aborrecente*”), caracterizada por momentos de desafios, e mudanças físicas e emocionais. Nessa fase, o adolescente vive a magia de vir a ser um adulto e o luto da perda da infância (Boholasvsky, 1998). É um período em que lutos e fragilidades afluam. Estudos de Becker (1989) propõem que a adolescência possui elementos culturais que significam a passagem de uma atitude de espectador para outra ativa, questionadora. Caracteriza-se também momentos também de revisão, autocrítica e transformação.

Diante de alguns conceitos psicológicos inerentes à adolescência, ela é denominada também como um fenômeno psicossocial, pois sofre as influências dos fatores externos – fatores socioculturais – que fazem parte do seu desenvolvimento e que irão definir a construção de sua identidade e, conseqüentemente, a sua entrada na vida adulta, a maturidade.

A escolha por uma profissão na adolescência, também é fundamental para a constituição da pessoa como sujeito social, ou seja, é uma questão de sobrevivência nas sociedades capitalistas atuais. Diante deste fato, o adolescente sofre uma enorme pressão social, pressão esta que gera sentimentos de ansiedades e angústias, podendo transformar o ingresso na universidade num gigantesco funil de frustrações. Lidar com essas pressões é um desafio, pois além de enfrentar as próprias manifestações da adolescência, o jovem necessita também escolher uma profissão e definir um projeto de vida. Então, como conciliar este período de transformações e ao mesmo tempo escolher uma profissão, ou seja, tomar uma decisão?

Para Bohoslavsky (1998), quem escolhe, não está escolhendo somente uma carreira está escolhendo também “com que” trabalhar; está definindo “para que” fazê-lo, está pensando num sentido para a sua vida; está escolhendo um “como” delimitando um “quando” e “onde”, ou seja, está escolhendo inserir-se numa área específica da realidade ocupacional. O adolescente está definindo quem vai ser, ou seja, está escolhendo um papel adulto e, para fazê-lo, não pode se basear noutra coisa que não o “que é”.

A identidade do indivíduo começa a ser formada nas relações estabelecidas entre pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada um, como os pais, amigos, parentes, professores, e outros. Desde criança nos identificamos com pessoas significativas de nossas vidas, assumindo e experimentando papéis, que vão servir de base para a formação da identidade futura. Portanto, a formação da identidade não é uma tarefa individual e sim um processo de interação grupal, iniciado na família, mediado por um

contexto cultural, no qual todos os papéis sociais, sexuais e valores são delineados. Para tanto, examinando as várias identificações que ocorrem na vida de um jovem que pretende escolher seu caminho profissional, somadas aos outros fatores, determinam a elaboração de seu projeto de vida, ou seja, os jovens precisam de modelos de funcionamento no mundo para que possam se espelhar neles. As pessoas com as quais se identifica é que vão dar o viés de como o mundo vai ser visto. Caso o jovem tenha carência de modelos identificatórios, conseqüentemente terá dificuldades em fazer suas escolhas adequadas.

A identidade tem sido apresentada atualmente como um conceito dinâmico, adotado frequentemente para compreender a inserção do sujeito no mundo e sua relação com o outro. Segundo Coutinho, Krawulski e Soares (2007, p.30), a identidade é objetivamente definida com a localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo. O mesmo autor complementa que “[...] a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele.” Pensar esta inserção implica em reconhecer uma concepção dialética entre indivíduo e sociedade, na qual um se identifica e se transforma a partir do outro: o sujeito assimila a realidade e reproduz ativamente sua experiência social.

A construção da identidade ocupacional está diretamente vinculada à identidade pessoal, pois ambas incluem todas as identificações feitas pelo indivíduo ao longo da vida. Sendo assim, a identidade ocupacional forma-se através da autopercepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência, principalmente no que diz respeito a figuras significativas, como pais, familiares e professores. A escolha é, portanto, parte da definição desta identidade ocupacional (Lisboa, 1997).

A identidade ocupacional será considerada não como algo definido, mas como um momento de um processo submetido às mesmas leis e dificuldades daquele que conduz à conquista da identidade pessoal. [...] Como a identidade ocupacional é um aspecto da identidade do sujeito, parte de um sistema mais amplo que a compreende, é determinada e determinante na relação com toda a personalidade (Bohoslavsky, 1998, p. 30).

As configurações identitárias do adolescente de hoje são construídas numa cultura caracterizada pela existência de uma indústria da informação, de bens culturais, de lazer e de consumo onde a ênfase está no presente, na velocidade, no cotidiano, no aqui e agora e na busca do prazer imediato. A subjetividade é construída no comigo mesmo, na relação com o outro e num tempo e num espaço social específico (Salles, 2005). Estas mudanças características do atual contexto produtivo repercutem nas diferentes dimensões da vida social e, de um modo bastante peculiar, na escolha profissional do jovem. Dessa forma, ao escolher, o jovem é tomado por sentimentos de insegurança, estranhamento e incerteza, uma vez que as escolhas se constituem, em muitos casos, elas próprias, como provisórias, precárias e efêmeras.

Outro aspecto que está correlacionado à identidade do adolescente, se refere ao projeto de vida, que é o momento em que o jovem “integra em seu interior, a subjetividade e a objetividade” ao mesmo tempo. Também é o momento que “se funde num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado” (Soares, 2002, p. 76). É com o projeto de vida que se constrói para si um futuro desejado, esperado. Ele não pode ser idealizado para um futuro longínquo, tampouco se limitar a ser muito imediato. De caráter determinado, faz com que ele não seja jamais realizado por completo, sempre passível de modificações. O projeto, com sua conotação de globalidade, é destinado a ser integrado numa história, contribuindo para modelar o passado que é presente nele e prever o futuro (Soares, 2002). A noção de projeto de vida sugere as expectativas dos pais e dos filhos em relação ao futuro, consciente e inconscientemente, e as motivações e os desejos dos pais em relação à escolha profissional dos filhos. Portanto, a autora conclui dizendo que a escolha da profissão implica numa:

Dimensão temporal que precisa ser integrada e percebida pelo jovem; [...] carregada de afetos, esperanças, medos e inseguranças; não somente seus, como também os de seus familiares mais próximos (Soares, 2002, p. 24/25).

A questão da concepção do trabalho também é outro elemento imprescindível para a construção da identidade do sujeito, portanto, repensada à luz das várias transformações no mundo produtivo, examinando-se quais articulações ainda são possíveis de serem estabelecidas entre os conceitos de identidade e trabalho, em um contexto no qual, inegavelmente, são modificadas as construções identitárias. Neste exame, é necessário ter em conta as contradições que permeiam a relação contemporânea homem-trabalho, como o caso de processos de inserção profissional morosos e sofisticados, paralelamente a carreiras fugazes (Coutinho *et al.*, 2007).

Escolher uma profissão, então, é uma tarefa complexa e difícil e o adolescente nem sempre está preparado. Ao mesmo tempo em que é uma tarefa dolorosa permeada por sentimentos de frustração, medos e angústias; é também um momento de aprendizagens, experiências e realizações necessárias ao desenvolvimento da maturidade da pessoa. Muitos são os determinantes presentes nesta escolha que podem ajudar ou atrapalhar no processo - Que determinantes são esses? Como conhecê-los? Como escolher? A seguir apresentamos fatores mais importantes e frequentes que interferem na escolha da profissão do adolescente.

3.2. Influência sociocultural e familiar

Ao viver o processo de escolha profissional, alguns jovens convivem com sentimentos oriundos de alguns fatores que influenciam na decisão por uma profissão futura. Existem fatores internos e externos que interferem nas tomadas de decisões do jovem e do adulto. Eles são determinantes e, de certa forma, inviabilizam a possibilidade de escolha para um projeto de vida, são eles: fatores políticos, sociais, educacionais, psicológicos e familiares (Soares, 2002).

Os aspectos socioculturais se referem à divisão da sociedade em classes sociais determinando aqueles jovens que podem e aqueles que não podem escolher, ou seja, afetam tanto as classes mais favorecidas quanto as menos favorecidas, essa última no sentido da sua necessidade de sobreviver com qualquer tipo de trabalho e por isso não pensar muito num projeto de vida. A crise socioeconômica, o desemprego, a influência da globalização, o mercado de trabalho competitivo e as exigências profissionais no trabalho, afetam, direta ou indiretamente, na adequação de uma escolha profissional. O que se percebe hoje é que há muita exigência do mercado e pouca preparação das pessoas e instituições de ensino e isso gera um elevado grau de evasão nas universidades, bem como problemas de inadequação e desmotivação no que diz respeito ao desempenho profissional futuro. E os fatores políticos estão relacionados à política governamental e seu posicionamento frente à educação no segmento do ensino médio, nos cursos profissionalizantes e na universidade (Soares, 2002).

Especificamente nas classes mais favorecidas os valores, princípios e regras da sociedade estão presentes de forma bastante significativa na vida do jovem, pois elas determinam as necessidades e os desejos de conquistar certas profissões que estão na mídia ou na moda - como Computação, Gastronomia e Design. Outras evidenciam status, possibilidades de ascensão e retorno financeiro - como Direito, Medicina, Engenharias e outras. Estes exemplos revelam que a influência social é necessária para definir o projeto de vida.

Com relação aos aspectos educacionais, a escola deveria ser um lugar onde a criança pudesse obter, desde cedo, informações e orientações sobre as profissões, assim como, estimular a liberdade em “escolher”, mas, na realidade, parece que isto não acontece e ao contrário disso a escola fica sendo um mero reprodutor dos padrões estabelecidos, transformando-se num local hostil, povoado de repreensões, que, conseqüentemente, contribuem para dificultar o desenvolvimento da responsabilidade e autonomia do jovem,

gerando a perda da identidade do mesmo. A falta de investimento do poder público na educação, os problemas das universidades públicas e privadas e a forma injusta do concurso do vestibular geram, de forma genérica, dificuldades em escolher de maneira mais correta uma profissão (Soares, 2002).

O fator psicológico pode facilitar ou dificultar uma escolha profissional. As experiências de vida sejam elas negativas ou positivas, e a maneira como foram vivenciadas vão fazer parte da construção e estruturação do aparelho psíquico e determinar a bagagem psicológica do jovem. Isto também poderá ser um fator significativo diante da escolha, pois podem estar relacionadas aos interesses, habilidades, competências e motivações para determinar as características da personalidade e assim poder facilitar a interligação do perfil e das características da profissão.

Com relação às questões familiares, a forte influência parental torna-se um referencial no momento da escolha de uma profissão estabelecendo a posição ou “um lugar” desse adolescente na própria família garantindo também seu espaço na sociedade. A família desempenha um papel significativo na formação da criança e do adolescente. Ela funciona como uma instituição que transmite ideais, modelos identificatórios, valores e significados do mundo sociocultural para a construção da subjetividade do indivíduo. É o que acontece no vestibular que é um ritual de passagem do adolescente e da família, quando passar nos exames significa o início de uma nova etapa na vida, a entrada no mundo adulto e o ingresso na universidade. Para muitas famílias, também, representa status, poder e posição social. Caso ele não passe nos exames do vestibular, pode constituir um “fracasso” do indivíduo e sua família, deixando-o de “fora” do contexto exigido pelo social (Oliveira, 2001).

Desde o nascimento os pais alimentam expectativas, desejos e fantasias em relação aos filhos e ao seu futuro. Dessa forma, a necessidade da escolha não afeta apenas o jovem; o grupo familiar também é direta ou indiretamente afetado, pois alguns pais buscam se realizar

por meio dos filhos e outros sofrem com o desgaste vivenciado pelo filho que tem dificuldade para decidir. Sendo assim, a família influencia, seja de forma a incentivar ou reprimir, na decisão profissional do adolescente (Boholasvsky, 1998).

A influência da família pode ajudar ou dificultar no processo da escolha e na decisão do jovem por uma profissão. Muitas vezes o adolescente faz suas escolhas sem reconhecer as influências recebidas do meio familiar. A rede de relações de cada família, como os avós, bisavós, tios, primos, está presente de forma bastante significativa nas escolhas que fazemos na vida. Frequentemente os avós impõem a seus descendentes que correspondam às expectativas de um ideal, ou seja, que sigam uma missão como forma de pagamento de uma dívida familiar ou que repitam a mesma história de sucesso que foi estabelecida na família. É a denominada lealdade que faz com que os descendentes procurem corresponder ao que lhes foi demandado (Boszormeny-Nagy & Spark, 2003).

Para Soares-Lucchiari (1997) as escolhas vivenciadas se dão a partir de modelos familiares, que acabam influenciando no juízo de valores do sujeito acerca das profissões.

As escolhas dos filhos se inscrevem numa descendência familiar onde o passado vivido pela família é a parte fundamental na construção das representações que o jovem se faz de si mesmo e de suas aptidões para ter sucesso numa profissão definida, assim como a valorização familiar das profissões. O jovem tenta se conformar para sentir-se parte dessa descendência, pertencente a essa família. (Soares-Lucchiari, 1997, p. 137).

O projeto dos pais orienta-se por duas lógicas contraditórias: de reprodução – desejo de ver o filho continuando a sua história; de diferenciação – desejo dos filhos realizarem tudo o que eles não puderam realizar (Gaulejac, conforme citado em Soares-Lucchiari, 1997). A mesma autora reforça que pais e filhos influenciam-se mutuamente e que as atitudes dos pais dependem da ação dos filhos.

O homem precisa de projetos para viver e, para construí-los, funde o presente, recorda o passado e prevê o futuro. Mas, para que isso aconteça é necessária a conscientização

de si mesmo e a busca de informações no mundo exterior. Por isso é importante que o adolescente, diante da escolha, tenha o conhecimento dele mesmo, o conhecimento do projeto dos pais, o processo de identificação e o sentimento de pertencimento à família.

A escolha é multi e sobredeterminada: as contradições sociais, tanto quanto as necessidades do sistema de se reproduzir, expressam-se por meio de demandas, apelos ou chamadas do sujeito através da: a) família, b) da estrutura educacional e c) dos meios de comunicação em massa, que vão cristalizando a ideologia do sistema social pela representação das profissões, das suas relações, dos requisitos pessoais para se ter acesso a elas, seu sentido social e o próprio valor do trabalho e organização, o sistema de compensações materiais e morais alcançáveis, etc. (Bohoslavsky, 1998, p.14).

Há também, em alguns casos, o desejo da família de que o adolescente busque por uma ascensão social através de uma escolha bem sucedida. Neste caso, o adolescente vive o conflito entre fazer o que realmente quer ou o que é esperado pela família. Logo, esta expectativa vai muito mais além do que a escolha profissional; ela vai definir o status social, a conquista de um bom emprego e o desejo de ser feliz. O valor profissional e pessoal em nossa sociedade é um fator de peso, pois só assim dará uma posição mais valorizada e prestígio social. Do contrário, existem pais que também não incentivam seus filhos a seguirem suas próprias profissões: porque nunca acreditaram nelas, ou porque não oferecem nenhum *status*, ou “não dão dinheiro”. Há um desejo de que os filhos escolham outro caminho que não os dos pais, mesmo que eles queiram, e por conta disto, não os estimulam.

Diante de tantas cobranças, sejam elas socioculturais e/ou familiares, o adolescente se sente pressionado por todos os lados. Estas cobranças acabam gerando sentimentos de angústia, medos e estresse. A palavra vestibular assusta e tal prova exige do aluno preparo técnico, autoconfiança e equilíbrio emocional. Segundo pesquisas realizadas por Levenfus (2002), a autora salienta que a ansiedade e a baixa estima dificultam a escolha profissional e, por conseguinte, ocorrem fracassos nos vestibulares. Ela completa que, nos estudos que realizou sobre o vestibular, muitos jovens se encontram desmotivados para estudar, pois não

têm certeza do que poderão ser no futuro. No entanto, viver o processo do vestibular é uma transição tão intensa para o adolescente e sua família, independente de qualquer dificuldade, que o fato de passar no vestibular e ser aprovado é mais importante que a própria escolha por uma profissão, relegando a escolha profissional para o segundo plano.

Estamos vivendo a insegurança frente à queda dos antigos valores familiares e da sociedade e a emergência de novos paradigmas: valorizam-se o consumo, o prazer imediato, o culto ao corpo, a individualidade, a informação e a mídia. O futuro perde a transcendência, a relação básica com o tempo muda e surgem as representações coletivas ligadas ao sentido de “final”: final de história e das ideologias. As mudanças tecnológicas invadem todas as áreas do viver humano e afetam inclusive as formas de relação da sexualidade, agora banalizada, por exemplo, em relação à procriação: surgem os bebês de proveta, os clones, as mães de aluguel, todos gerando mudanças na organização familiar. Os sentimentos predominantes são de imediatismo, de fragmentação, de ausência de ideais e de respostas, de vazio e, principalmente, de desamparo. Por outro lado, a sociedade tecnológica e individualista atual é exigente, competitiva e globalizada, o que a torna mais inacessível e ameaçadora para o jovem que pretende entrar no mercado de trabalho (Oliveira & Dias, 2000, p. 149).

A contemporaneidade trouxe transformações sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, com implicações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir na sociedade. Por um lado, teve repercussões positivas, como: abertura para expressão, criatividade, busca da igualdade e eficiência quanto à racionalização. Por outro, favorece o imediatismo, a concretude, o narcisismo, a racionalidade e a inconsequência, de forma a repercutir negativamente nas relações sociais do indivíduo.

Diante das colocações feitas, a família da contemporaneidade parece não ter respostas para os problemas da convivência em um mundo sem certezas pré-fixadas. Tem dificuldades em proporcionar o suporte adequado que possibilite a formação de sujeitos

autônomos. A vulnerabilidade da família atual é sustentar-se só na vinculação afetiva e, diante disso, os vínculos ficam fragilizados. Sem referências firmes, sem autoridade, ausentes no lar, e perdidos diante de seus próprios limites que, conseqüentemente, não conseguem estabelecê-los para os filhos, os jovens recebem um fardo maior do que podem carregar.

Por outro lado, essa mesma família, diante de tanta diversidade é integrante de diversas dimensões da mudança e da continuidade, requerendo dos sujeitos que se identifiquem, a cada momento, com algo novo, e reconheçam em suas trajetórias uma dimensão temporal, integrando passado, presente e futuro. De um lado, os jovens ainda precisam se preparar melhor para a escolha profissional, da forma mais consciente e segura possível, determinada pelas exigências familiares. De outro, as mudanças socioculturais, mercado de trabalho e o desemprego, entre outras, trazem exigências de novas competências, habilidades e talentos para que esse jovem se sinta inserido na sociedade e feliz profissionalmente. Todas estas situações levam o sujeito a ter que enfrentar cotidianamente o novo e reescrever sua trajetória de vida e sua identidade. Entretanto, o grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental e os seus valores também formam as bases significativas na orientação do adolescente, seja a família como um grupo positivo de referência, seja como um grupo negativo (Bohoslavsky, 1998).

Enfim, o projeto profissional do adolescente se constrói baseado nos inúmeros fatores citados anteriormente interferindo de forma dinâmica e diferenciada. O entrecruzamento desses fatores, aliado à subjetividade de cada sujeito, fazem da escolha profissional um momento singular. Não importam o que ou quais sejam os fatores, até porque eles estão e sempre estarão presentes na vida do adolescente. O que importa é como e de que forma estão interferindo e quem são os profissionais ou pessoas envolvidas neste processo. Sejam professores, educadores, pais, orientadores, parentes e amigos; todos são responsáveis pela formação e preparação do futuro desse jovem que precisa mais do que nunca, não que

escolham por ele, mas que o ajudem nessa difícil caminhada de optar por uma profissão, ou melhor, de se definir por um projeto de vida.

IV. CAMINHO METODOLÓGICO

A produção científica é o mundo que a ciência imagina, de certa maneira, ser seu mundo. Há interesse em apresentá-lo perfeito, atraente, acreditável [...] da limitação histórica do cientista. Em algum lugar, em algum tempo, o cientista erra, graças a Deus, e com isto a ciência continua, se renova, se abandona, se reinventa. (Pedro Demo)

4.1. Objetivos

Esta dissertação teve como objetivo geral analisar como o pai percebe e acompanha o processo de escolha profissional do (a) filho(a) adolescente e como este, por sua vez, percebe a participação paterna. Os objetivos específicos foram: conhecer, através da entrevista com o pai, o projeto de vida traçado para o filho (a) adolescente; conhecer, através da entrevista com o/a adolescente, o seu projeto de vida; investigar os sentimentos e os valores do pai diante da escolha profissional do filho (a); investigar os sentimentos e os valores do filho(a) diante da participação do pai no seu processo de escolha profissional.

4.2. Percorso teórico-metodológico

Neste estudo foi adotada a abordagem qualitativa e de característica exploratória, tendo em vista que esta permite a descrição de fenômenos em um contexto. A pesquisa qualitativa não se preocupa apenas com os subsídios das causas, nem das consequências da existência, e sim, das características destes, já que sua principal função é descrever.

Segundo Turato (2003), esta abordagem tem como atitude científica a busca pela compreensão do homem e, como objetivo, a apreensão e interpretação da relação de significações de fenômenos para os indivíduos e a sociedade. Seus recursos são abertos e flexíveis e o pesquisador busca compreender os aspectos psicológicos, atitudes, valores, olhares, dentre outros aspectos que irão nortear a pesquisa.

A abordagem qualitativa, na perspectiva de Triviños (1987), ressalta a importância do ambiente na configuração da personalidade, problemas e situações de existência do sujeito. Preocupa-se com os fenômenos que estão impregnados dos significados que o ambiente lhes outorga e, como são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, ocorrendo a interpretação de dados à base de percepção de um fenômeno num contexto.

A investigação qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, flexibilidade, capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos. Neste tipo de pesquisa, a atenção do pesquisador fica voltada para a captura do ponto de vista dos atores sociais, privilegiando os aspectos conscientes, a subjetividade entre o sujeito e o pesquisador e os significados atribuídos pelos atores num determinado contexto (Minayo, 2004).

4.3. Participantes

Participaram da pesquisa 4 (quatro) pais separados e não recasados, com a guarda de seus filhos(as) que estavam vivendo o processo de escolha profissional, assim como 5 (cinco) adolescentes, de ambos os sexos, cursando o Ensino Médio ou iniciando um curso de graduação, que moram com o pai, sendo este último separado e não recasado. Vale ressaltar que esses adolescentes não foram obrigatoriamente filhos dos pais entrevistados. Todos os

participantes pertenciam a um mesmo grupo socioeconômico, ou seja, pais com rendimentos mensais acima de cinco salários mínimos e adolescentes oriundos de uma escola particular do Recife.

4.4. Instrumento

O instrumento utilizado foi constituído por duas entrevistas semiestruturadas conduzidas de forma semidirigida, uma com questões próprias para o pai e outra para o adolescente (Anexos I e II).

Este tipo de entrevista ofereceu subsídios para que, tanto o participante quanto o pesquisador, tenham momentos para dar alguma direção e reunir dados para atingir os objetivos propostos (Turato, 2003). O pesquisador faz-se mais presente, demonstra interesses e estimula o participante a aprofundar o assunto. O pesquisador também tem a liberdade de solicitar ao entrevistado esclarecimento sobre o que ficou obscuro ou incompleto na sua fala. Com relação ao participante, deverá falar segundo a ocorrência da chamada livre associação de ideias e de forma espontânea.

4.5. Coleta das informações

Para a coleta das informações buscou-se a ajuda de uma instituição do ensino particular da cidade do Recife, com o intuito de selecionar os adolescentes e os pais de adolescentes que quisessem colaborar com a investigação. Nesse caso, a ajuda da coordenadora e/ou psicóloga da escola foi fundamental. Quando o adolescente aceitava

participar da pesquisa era enviada uma carta aos pais solicitando sua autorização e participação. Estes adolescentes e os pais também faziam indicação de outros pais e adolescentes, constituindo-se o que Turato (2003) chama de “amostragem por bola de neve”. A entrevista foi individual, tanto com os pais como com os adolescentes, e foi realizada na própria escola, em sala apropriada, com duração média de 40 minutos. Foi autorizado o uso do MP3 para gravar as entrevistas.

4.6.- Questões Éticas da Pesquisa

Buscando preservar o sigilo e anonimato dos pesquisados, alguns cuidados éticos foram tomados; em primeiro lugar, após o convite para participar da pesquisa, pais e adolescentes assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III e IV).

Entre outros dados, este Termo assegura aos atores sociais que: a seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória; a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento; sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco; sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semidirigida, constando de perguntas sobre o tema; a entrevista será individual, ocorrerá em local de sua escolha e será gravada, caso você permita; o material coletado será guardado com o pesquisador principal, em local seguro e sem possibilidades de uso por terceiros; nesse material não haverá a sua identificação; a pesquisa não trará riscos para você ou para a sua família, no entanto, você poderá se sentir constrangido de responder uma ou outra pergunta, nesse caso, você estará livre para responder ou não; as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação; os dados

coletados serão divulgados em atividades científicas, como congressos, mantendo-se o sigilo da sua identidade; você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Outra medida ética foi a utilização de nomes fictícios para assegurar e preservar o anonimato dos participantes. Desta forma, a partir da análise das entrevistas, todos os nomes dos atores sociais foram retirados de nomes bíblicos.

V. DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Não resta dúvida de que, tanto na análise sociológica quanto na psicológica, bem como em quaisquer questões teóricas, são de extrema importância o modo e o tipo de comportamento observado na realização de um ato. O comportamento é indubitavelmente, um fato, e um fato relevante – passível de análise e registro. (Malinowski).

5.1. Análises das entrevistas

As entrevistas foram analisadas de acordo com a análise de conteúdo temática descrita por Minayo (2004). As etapas para esta análise consistem em: pré-análise (leitura flutuante para apropriação do texto); exploração do material (com o objetivo de extrair unidades de sentido); tratamento dos resultados e interpretação à luz dos objetivos da pesquisa e da bibliografia especializada sobre o tema.

Do ponto de vista dialético, o processo de análise foi realizado a partir das narrativas colhidas, não perdendo de vista os pressupostos teóricos até aqui assumidos. Assim, foi realizada uma leitura das entrevistas com o objetivo de apreender as ideias centrais e relevantes dos participantes da pesquisa, a partir de agora denominados atores sociais, tentando transmitir, como é denominado por Minayo (2004, p. 235), os “momentos chaves de sua existência”.

5.2. Caracterização dos participantes

Para melhor compreensão da análise efetuada, abaixo apresentamos os quadros constando o perfil dos participantes. Vale lembrar que os nomes dos atores sociais são fictícios e retirados de nomes bíblicos.

Quadro 1 – Perfil dos adolescentes

NOME (fictício)	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO DO PAI	TEMPO DE RESIDÊNCIA COM O PAI	ESCOLHA PROFISSIONAL
Maria	14 anos	1ª série do Ensino Médio	Militar da Força Aérea	2 anos	Academia da Força Aérea
João	18 anos	3ª série do Ensino Médio	Engenheiro Civil	1 ano e meio	Relações Internacionais ou Piloto Comercial.
Madalena	18 anos	2ª série do Ensino Médio	Bancário	1 ano	Jornalismo, Direito ou Ciências Biológicas.
Marta	15 anos	2ª série do Ensino Médio	Funcionário Público	8 anos	Gastronomia
Ana	18 anos	1º período de Direito (terminou o Ensino Médio em 2008)	Delegado	5 anos	Direito

Quadro 2 - Perfil dos pais

NOME (fictício)	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	TEMPO DE RESIDÊNCIA COM O FILHO	SOBRE O FILHO (idade, sexo, série)
José	48 anos	Superior (Jornalismo)	Secretário (Funcionário Público)	8 anos	15 anos, F, 2ª série
Matheus	59 anos	Superior	Engenheiro Civil	1 ano e meio	18 anos, M, 3ª série
Antônio	38 anos	Ensino Médio	Militar	2 anos	14 anos, F, 1ª série
Gabriel	38 anos	Superior	Pedagogo	Quase 1 ano	14 anos, M, 1º série

5.3. Análise das Unidades de Registro

Após a pré-análise (leitura flutuante para apropriação do texto), que consiste na escolha dos documentos a serem analisados, foi realizada a exploração do material visando a operação de codificação para alcançar o núcleo de compreensão do texto (Minayo, 2004).

Na análise temática trabalha-se com o recorte do texto em unidades de registro que podem ser uma palavra, uma frase, um tema, um personagem, um acontecimento tal como foi estabelecido na pré-análise. No presente caso escolhemos um tema; depois as regras de contagem e, por último, realizou-se a classificação e a agregação dos dados (Minayo, 2004).

5.3.1. Ouvindo os adolescentes

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
Viver o momento da escolha profissional e o sentimento presente.	<ul style="list-style-type: none">• <i>“Tenho medo de que não dê certo e ter que escolher outra [...] e de não gostar do curso” (João, 17 anos).</i>• <i>“Pavor! Medo! De não passar e meu pai ficar falando [...] No que as pessoas da família vão falar” (Madalena, 18 anos).</i>• <i>“Acho que é uma responsabilidade muito grande para a gente, para nossa idade [...] porque vai ser o que a gente vai ser na vida” (Maria, 14 anos).</i>• <i>“Eu ficava naquela [...] em cima do muro [...] não sei para onde vou [...] se é veterinária ou Direito” (Ana, 18 anos).</i>• <i>“É sentir pressionada pela escola, pelos professores que falam muito sobre o vestibular [...] falam que vai ser muito difícil” (Marta, 15 anos).</i>

Todos os adolescentes pesquisados relataram que viver o momento de escolha profissional é muito difícil, mesmo para aqueles que já fizeram suas escolhas. Os sentimentos presentes em quase todos foram: medo, pavor, angústia, dúvidas, confusão, indecisão,

estresse, medo de fazer a escolha errada, medo de não passar, medo das pessoas ficarem falando.

A escolha demanda do adolescente uma postura, responsabilidade e compromisso que o mesmo não apresenta maturidade suficiente para corresponder. O processo de escolha profissional, complementa Soares (2002), inicia-se na adolescência, período de busca de si mesmo, da consolidação da identidade, caracterizado por crises e questionamentos. Ele enfrenta uma fase de transição onde, de um lado, vive os interesses de uma criança e, do outro, o mundo do adulto.

Segundo Lisboa (1997), a construção da identidade ocupacional está diretamente vinculada à identidade pessoal, pois ambas incluem todas as identificações feitas pelo indivíduo ao longo da vida. Portanto, nos discursos dos adolescentes, apresentam-se características de identidades ocupacionais ainda em construção permeados por sentimentos fortes presentes nesta fase da vida, dificultando assim, a escolha profissional. Como relata a adolescente Madalena (18 anos), ela vivencia um sentimento carregado de angústia e medo diante da posição do pai e da família caso não passe no vestibular.

Soares-Lucchiari (1993) complementa dizendo que uma das transições marcantes na adolescência é o início da busca por uma escolha profissional e este início se apresenta decisivo para a vida dos adolescentes, sendo uma “*necessidade*” da família, da sociedade e dele próprio, ou seja, não é só o adolescente que vive a escolha: a própria família e a sociedade também vivem esse momento em que projetam seus desejos e expectativas.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
	<ul style="list-style-type: none">• “<i>A minha relação com meu pai é bem tranquila</i>” (Marta, 15 anos).• “<i>Eu acho que não teria um jeito melhor de ele ter me criado [...] Eu respeito muito ele [...] lá em casa tudo tem que ser nos horários certinhos, tudo tem que estar sempre organizado</i>” (Maria, 14 anos).

<p>Tipo de educação que o pai deu ao filho (a) e o relacionamento de ambos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Meu pai sempre busca o melhor para mim [...] ele me ajuda muito a enxergar a realidade [...] quando estou com problemas, ele conversa comigo [...] ele é o equilíbrio, mas o que prevalece é o autoritarismo” (Ana, 18 anos).</i> • <i>“Com relação aos estudos, ele é meio chato [...] ele cobra [...] ele quer ver sempre o meu boletim” (João, 17 anos).</i> • <i>“Ele é rígido e tem coisas que eu não concordo [...] se eu deixar a luz acesa ele desconta dois reais da minha mesada [...] mas ele está certo [...] porque eu ainda não sou dona do meu nariz, só com 21 anos” (Madalena, 18 anos).</i>
---	---

As respostas dos adolescentes com relação ao tipo de educação foram: muito boa, tranquila, vendo o pai como amigo, pessoa equilibrada, bem legal, gente boa, gosta de conversar, incentivador. Mas também houve respostas como: autoritário, disciplinador, mandão, cobra com relação aos estudos e às responsabilidades, impõe limites, exigente. Referindo-se ao relacionamento das partes, muitas respostas indicaram: relação de respeito, sensibilidade, de diálogo nas situações referentes às baladas e namoros, disciplinador nos horários da alimentação, estudos e saídas.

Fazendo-se uma análise sobre estes depoimentos, percebe-se que os sentimentos presentes nos relacionamentos de ambos demonstraram ser de tranquilidade, amizade e diálogo, porém vale salientar a presença da autoridade, da disciplina e da cobrança na relação entre pai e filho (a), pois estes fatores estiveram presentes em quase todos os discursos dos adolescentes.

Este dado corrobora com o pensamento de Bowlby (conforme citado em Poulter, 2008), quando afirma que o vínculo com a figura paterna tem o poder de criar expectativas sobre todas as nossas relações subsequentes, ou seja, o modo como nos apegamos com o nosso pai afeta nossas relações com as figuras atuais, como por exemplo, professores, parceiros, chefes, ou qualquer outra figura de autoridade. Certas situações justificam compreender algumas condutas, comportamentos e escolhas profissionais.

No depoimento de Maria há uma identificação forte com o seu pai. Ela aceita e concorda com a educação que seu pai lhe deu. Por ele ser militar, seu comportamento de organização e disciplina está presente no lar, como ter hora para comer, dormir e estudar, ao dizer que: *“não teria um jeito melhor de ele ter me criado”* – na concepção dela, sua afirmativa revela um pai exemplar. Frutuoso e Loes (2009) dizem que o papel dos pais no processo de construção da autoestima é fundamental nesta fase. Os autores acrescentam que impor normas e limites na relação entre pais e filhos é importante para que estes se tornem, no futuro, adultos responsáveis, éticos e honestos.

Ana demonstrou também ter um vínculo forte com o pai quando disse *“meu pai sempre busca o melhor para mim [...] quando estou com problema, ele conversa comigo [...] ele é o equilíbrio [...]”* – como se o pai fosse definir ou “buscar” a resolução dos problemas dela. Há uma influência significativa da educação do pai na vida desta adolescente. Como nos estudos de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (conforme citado em Silva & Piccinini, 2007), os aspectos de avaliação do envolvimento paterno resultam em interação, acessibilidade e responsabilidade, ou seja, há uma interação deste pai com a filha no que se refere aos cuidados e preocupação das atividades compartilhadas, garantindo assim o equilíbrio e a segurança da filha.

Hoje, a relação do pai com seus filhos (as) mudou, ou está mudando. E o que mudou? Segundo as concepções de Hennigen e Guareschi (2002), o pai de hoje quer ter diálogo e intimidade. Preocupa-se com suas responsabilidades diante dos filhos (as), assumindo uma nova postura de homem/pai conectada com afetos e prazeres.

Libertados da visão arcaica do pai provedor e alienado de suas funções no desenvolvimento emocional dos filhos e filhas, os homens de hoje, os “novos pais”, não querem mais viver apenas a experiência de prover o lar. A figura do pai, hoje, é a do amigo que estabelece diálogo dentro de casa, preocupa-se com o boletim escolar do filho/a e discute

sobre relacionamento. Essa é uma síntese dos depoimentos dos adolescentes por nós entrevistados.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
<p>A participação e influência do pai com relação à escolha profissional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Não! Porque ele é engenheiro [...] não tem nada a ver, mas ele aconselha” (João, 17 anos).</i> • <i>“Acho que minha avó influenciou bastante, mais do que pai [...] Só na época em que eu queria fazer jornalismo, ele influenciou bastante, na época eu queria ser inteligente como meu pai” (Marta, 15 anos).</i> • <i>“Meu pai queria que eu fizesse uma profissão que ganhasse dinheiro [...] ele diz que eu tenho facilidade de falar e de ser comunicativa [...] é mais fácil eu desenrolar no jornalismo [...] e Direito não tem nada a ver comigo, nem gosto de ler [...] nem nada [...] então eu vou fazer Direito no meio do ano e no final do ano vou fazer Jornalismo” (Madalena, 18 anos).</i> • <i>“Eu gosto do que ele faz [...] tem alguma influência sim [...] Eu gosto! Ele está sempre viajando, tem uma vida financeira estável [...] eu queria até pra mim” (Maria, 14 anos).</i> • <i>“Bastante, porque sempre tive admiração por Direito [...] apesar de nunca ter pensado seguir esse ramo [...] mas eu sempre admirei muito [...] Achava bonito ele escrevendo [...] influenciou muito essa parte do meu pai” (Ana, 18 anos).</i>

Dos cinco entrevistados, dois disseram que o pai não influenciou na escolha feita por eles, embora aprove o aconselhamento e o incentivo com relação à escolha. Os outros três afirmaram a influência sobre a escolha.

Ao analisar estas falas percebe-se que os três entrevistados que disseram que a participação e influência do pai interferem na sua escolha profissional revelaram uma identificação clara com a profissão da figura paterna, como nos mostram os depoimentos de Maria e de Ana respectivamente: *“Eu gosto do que ele faz [...] eu queria até pra mim” e*

“[...] sempre admirei muito [...] Achava bonito ele escrevendo”. Há uma admiração pela figura do pai e o desejo de ser parecido com ele ou de repetir sua carreira.

Madalena apresenta um discurso nem sempre coerente, típico daquele encontrado em situações de conflito. Em outro momento da entrevista, ela relata não querer que o pai interfira na sua escolha. Diz ela: “*Eu não acho certo ele se envolver ao ponto de querer que eu faça o que ele quer [...]*”. Em seguida, vivendo a ambivalência do momento de escolha profissional, ela afirma que vai fazer Direito e Jornalismo, mesmo não gostando das atividades que a profissão de Direito exige (ler muito), mas sim pelo desejo do pai, porque ela é comunicativa e Direito e Jornalismo são profissões que dão dinheiro. Diz-nos, em outro momento da entrevista, que seu desejo verdadeiro é fazer Ciências Biológicas.

Já Marta traz um discurso de que o pai não a influenciou. No entanto, demonstrou interesse, quando criança, pelo Jornalismo (profissão do pai) e o desejo de ser parecida com o pai, ou seja, ser inteligente como ele.

Bourdieu (1997) explica com muita propriedade sobre a relação das contradições da herança, ou seja, que a transmissão da herança paterna é um dos aspectos mais contraditórios da construção da subjetividade do adolescente. Nesse estudo, o autor salienta que existe, em qualquer sociedade, a tendência, por parte do pai, de “perseverar no ser” (p.7/8): perpetuar a posição social, a essência da herança paterna. O pai ocupa o lugar e é o instrumento de um projeto que é transmitido, por formas de ser e por ações orientadas para a perpetuação da linhagem. Portanto, a influência do vínculo paterno na escolha profissional do adolescente, seja ela positiva ou negativa, perpetua-se sobre o desenvolvimento da carreira e vida profissional futura.

Percebe-se nos adolescentes entrevistados, que há uma identificação com a figura paterna, favorecida pelo vínculo estabelecido entre ambos.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
Influência do pai, de um modo geral, na escolha profissional do(a) filho(a)	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Nas outras pessoas acho que sim... tenho um amigo meu que tem um pai que é médico, o avô é médico e a família toda é médica e ele resolveu ser médico, mas foi influência do pai” (João, 17 anos).</i> • <i>“Aqueles pais que ficam: você tem que fazer isso ou aquilo, porque vai ser melhor pra você [...] às vezes nem é isso que o filho quer” (Maria, 14 anos).</i> • <i>“Bastante [...] na Faculdade conheço um amigo que o pai dele é juiz [...] não sei bem se foi influência direta do pai sobre ele, mas creio que sim [...] Eu acho que influencia muito, principalmente quando você passa a querer participar e saber a função que o pai exerce naquela profissão” (Ana, 18 anos).</i> • <i>“Eu conheço um menino lá no meu prédio que ele não queria ser dentista e o pai dele o obrigou a fazer odontologia” (Madalena, 18 anos).</i> • <i>“Influencia sim, tem muita gente que tem a mesma idade que eu e tem um pai que tem uma profissão muito boa, então ele até fala que seria bom para o filho fazer tal curso, que seria bom para ele [...]” (Marta, 15 anos).</i>

Foram unânimes as respostas referindo que o pai, de um modo geral, influencia na escolha profissional do filho, mesmo para aqueles que dizem que isto não ocorre com eles. Alguns citaram a experiência de amigos próximos que vivem a influência direta do pai sobre a escolha do filho. Seja de forma positiva ou negativa, os exemplos citados pelos adolescentes retratam o quanto a família, ou até mesmo o pai, cria expectativas e o quanto a figura paterna está presente nas decisões sobre a escolha profissional dos filhos.

Neste aspecto concordamos com Poulter (2008) quando diz que para fazer uma boa escolha profissional precisamos entender o estilo de afeto e a importância das relações do filho (a) com a figura paterna. Se a relação for de estilo seguro, o filho (a) tenderá a fazer suas escolhas com confiança e segurança assim como, no futuro, poderá ter um excelente desempenho nas atividades profissionais, equilíbrio emocional e boa relação com os companheiros de trabalho. Se a relação for de estilo super exigente ou autoritário, o filho (a) tenderá a fazer suas escolhas pautadas nas escolhas do pai e pode se tornar um profissional

frustrado e com baixa autoestima, pois provavelmente não corresponderá às exigências deste pai.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
Futuro profissional e projeto de vida.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Acho que no começo não vai ser muito fácil [...] mas que vai dar sim [...] acho que eu vou conseguir fazer tudo direitinho, vou fazer na Rural” (Marta, 15 anos).</i> • <i>“Eu espero que me dê bem, ganhar dinheiro, ter minha casa, meu carro, construir uma família” (Madalena, 18 anos).</i> • <i>“Eu espero me dar bem na área de Direito [...] espero passar num concurso, ter um salário fixo, poder viajar e conhecer a Europa, que é o meu sonho... e ser realizada também na vida” (Ana, 18 anos).</i> • <i>“Uma estabilidade financeira [...] e que seja algo que eu me identifique” (Maria, 14 anos).</i> • <i>“Sair do Brasil [...] quero morar nos EUA ou Canadá [...] Relações Internacionais você tem um campo aberto para poder mudar [...] gosto de línguas, de ler e de me relacionar” (João 17 anos)</i>

Os sentimentos foram os mais diversos: ganhar dinheiro, ter casa, carro, viajar, morar fora, fazer o que gosta, algo que se identifique, ser realizada na vida, construir família e outros. Nota-se um desejo por aspectos objetivos e interesses financeiros, assim como aspectos subjetivos como construir família, realizar-se profissional e pessoalmente.

Concordamos, então, quando Soares (2002) se refere ao projeto de vida como sendo o momento no qual o jovem integra em seu interior a subjetividade e a objetividade ao mesmo tempo e também se funde num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. O futuro desejado é construído a partir de um projeto traçado e que pode ser longo ou imediato. No discurso de Marta existe o reconhecimento de que não vai ser fácil no começo, mas que ela vai *“conseguir e fazer tudo bem direitinho”* no futuro.

A referida autora complementa que o projeto tem o caráter determinado, faz com que ele não seja jamais realizado por completo, sempre passível de modificações. O projeto, com

sua conotação de globalidade, é destinado a ser integrado numa história, contribuindo para modelar o passado que é presente nele e prever o futuro.

Percebe-se também que o desejo pelo futuro profissional e o projeto de vida traçado pelos adolescentes desta pesquisa, demonstrou que os anseios tendem mais para as questões materiais, lazer e consumo. Diante deste fato, Salles (2005) retrata que o projeto de vida do jovem de hoje está aliado às suas configurações identitárias, construídas numa cultura caracterizada pela existência de uma indústria da informação, de bens culturais, de lazer e de consumo onde a ênfase está no presente, na velocidade, no cotidiano, no aqui e agora e na busca do prazer imediato. . Como, por exemplo: *“Eu espero que me dê bem, ganhar dinheiro, ter minha casa, meu carro [...]”* (Madalena, 18 anos); *“Eu espero me dar bem na área de Direito [...] espero passar num concurso, ter um salário fixo, poder viajar e conhecer a Europa[...]”* (Ana, 18 anos).

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
Sentimento de ser filho do pai.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“É bom, às vezes é fácil, às vezes enche o saco [...] quando vou sair principalmente e quando chego mais tarde em casa [...] ele fica no meu pé [...] isso não é ruim, mas enche o saco! Tirando isso é fácil e tranquilo”</i> (João, 17 anos). • <i>“Todo relacionamento tem seus prós e contras [...] sempre tem muito mais coisas boas do que ruins [...] eu acho ótimo, não poderia ser melhor!”</i> (Maria, 14 anos). • <i>“Foi uma sorte muito grande que eu tive, para mim não tem pai melhor [...] ele me ensina muito, conversa muito comigo [...] eu tenho muito orgulho dele [...] que ele me influenciou bastante, não só no Direito, no dia a dia, na vida mesmo”</i> (Ana, 18 anos). • <i>“Eu tento ser compreensiva em algumas coisas [...] eu sou chata [...] A gente briga por algumas vezes [...] por que tem que ser do jeito que eu quero [...] se for do jeito dele, aí é uma confusão [...] eu fico emburrada, mas depois passa [...] porque você tem que aprender a obedecer ao seu pai.”</i> (Madalena, 18 anos). • <i>“É diferente, porque nem tudo eu posso falar com ele [...] tem muita coisa que ele não entende como a mãe [...] é bom porque vou treinando para futuro [...] porque eu cuido da casa [...] eu gosto disso e também vou cuidar do meu pai [...] é bom!”</i> (Marta, 15 anos).

Ser filho e morar apenas com o pai, não é tão simples assim. Os sentimentos de Maria e Ana, que são as adolescentes que mais se identificam com os seus pais, revelam uma relação boa e tranquila. No entanto, João e Madalena apresentam em suas falas uma dose de rebeldia, mas, também, de respeito à figura paterna. E no discurso de Marta a falta da mãe é clara, apesar do pai ser presente e passar um valor familiar constatado nas palavras da adolescente. Percebe-se que a figura do pai está presente no dia a dia do filho, com características de valores como: cuidado, respeito, diálogo, disciplina, limites e outros.

Diante deste contexto, sabemos que o homem brasileiro está mais interessado na criação e na relação com os filhos do que nas décadas anteriores. E seus filhos, por sua vez, estão também cada vez mais interessados em conviver com seus pais, mesmo sabendo que vão ter que aprender a lidar com essa nova realidade. Como relata Ana *“A gente briga por algumas vezes [...] por que tem que ser do jeito que eu quero [...] se for do jeito dele, aí é uma confusão [...] eu fico emburrada, mas depois passa [...] porque você tem que aprender a obedecer ao seu pai”*.

As novas leis da Constituição Federal, como por exemplo, a guarda total ou compartilhada, concedeu ao pai o direito de assumir legalmente seu filho, seja biológico ou adotado. Contudo, esta nova convivência revela efeitos significativos no relacionamento entre pai e filho (a). Logo, esta amostragem, comprova que é possível uma convivência amigável, de diálogo, de aprendizagem e de referência na relação entre pai e filho (a).

Sutter e Bucher-Maluschke (2008), ao falarem sobre “pais que cuidam dos filhos”, mostram que a paternidade é algo desejado e se constitui muito antes da vinda do filho, acrescida de outras relações de cuidado e de amor. No desejo de ser pai há a decisão espontânea de se envolver com todas as etapas de crescimento do filho. As qualidades consideradas necessárias para a paternidade falam de atributos relacionados ao aspecto

nutridor e cuidador, como adoção, disponibilidade e paciência; que demonstram disponibilidade de tempo para os filhos, e que vem carregada de sentido de responsabilidade e investimento profissional, como rito de passagem à vida adulta.

Portanto, os discursos desses adolescentes refletem, de maneira geral, o quanto o vínculo estabelecido entre eles e seus pais é bom, que o pai realiza bem o seu papel, que é um bom cuidador. Dos discursos se infere que a relação é satisfatória, favorecendo as escolhas profissionais dos adolescentes e reduzindo a insegurança, os conflitos e a ansiedade próprios dessa fase.

5.3.2. Ouvindo os pais

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
<p>Viver o momento da escolha profissional e o sentimento presente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Eu espero, por minha vontade, que ela faça opção pela carreira militar [...] Até mesmo um exemplo que tenho de vida, eu mesmo! Saí de casa novo, tenho a minha independência [...] Faço o que gosto! Se ela puder seguir, acho uma boa opção, mas não pressiono” (Antônio, 38 anos).</i> • <i>“Eu acho ótimo [...] porque ela é uma privilegiada! Quando eu era adolescente, eu não sabia o que queria [...] Nesta época eu estava perdido em relação à vida profissional. Ela, já sabe o que quer, por isso eu acho ótimo. O que tiver ao meu alcance para que ela consiga se formar [...] ótimo!” (José, 48 anos).</i> • <i>“[...] Digo a ele que ele tem que escolher aquilo com o que realmente se identifica [...] ‘A profissão que você vai decidir meu filho, é sua’[...] Você vê que painho é Pedagogo e sua mãe é Fonoaudióloga, mas cada um fez sua escolha [...] Eu vou orientar! Vou falar da realidade da profissão que ele escolher, da questão salarial, do retorno financeiro, mas a escolha, eu vou deixá-lo muito à vontade. Então eu fico tranquilo” (Gabriel, 38 anos).</i>

Os pais revelam expectativas com relação às escolhas profissionais de seus filhos (as). Dentre elas: desejos de que o filho perpetue ou repita a sua carreira profissional, no caso de Antônio; tranquilidade em saber que sua filha já sabe o que quer, diferentemente de como viveu a sua escolha profissional e a segurança de que vai orientar a filha nas suas dúvidas profissionais, como é o caso de José. No depoimento de Gabriel, nota-se que o mesmo, não influenciará diretamente o filho na escolha, mas o orientará nas questões sobre: realidade da profissão, mercado de trabalho, salário e outros. De fato, esses pais revelam preocupações com a escolha e o futuro profissional de seus filhos percebendo suas aptidões, desejos e demonstrando respeito pelas suas decisões, assim como desejo de acompanhá-los e orientá-los no que for necessário.

Ao mesmo tempo em que revelam expectativas, os pais omitem sentimentos com relação ao momento da escolha, sem, contudo, deixar de expressar preocupações e a disponibilidade para ajudar e orientar os filhos em suas inseguranças acerca do futuro. Talvez, quando esses adolescentes chegarem na 3ª série do Ensino Médio, que é o ano decisivo do vestibular, esses pais sintam com mais intensidade como é viver o momento da escolha profissional do (a) filho (a) e consigam expressar melhor seus sentimentos e emoções.

Concordamos com Nolasco (1995), ao analisar a paternidade e a relação existente entre o novo homem e o novo pai na contemporaneidade. O autor comenta que à medida que o pai vai se envolvendo afetivamente com os filhos rompe o estereótipo social, construído anteriormente, e a identidade masculina e paterna é reconstruída. Há um aprendizado visceral, construído no dia a dia, formando o universo subjetivo do filho.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
<p>Tipo de educação que o pai deu ao filho (a) e o relacionamento de ambos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Nossa relação é muito boa, muito aberta. Procuo orientar e conversar, mas eu cobro muito, apesar de ser muito à vontade [...] Não é porque eu estou ausente (voando/trabalhando) que eu não estou olhando por ela” (Antônio, 38 anos).</i> • <i>“É boa, sempre foi boa [...] Eu acompanhei o crescimento dela, aquela passagem de criança [...] Acompanhei o desenvolvimento dela, as mudanças de atitudes, as transformações, principalmente as emocionais” (José, 48 anos).</i> • <i>“Temos uma boa convivência [...] a gente não tem estresse aqui em casa [...] tudo a gente conversa. Eu saio junto com ele e o levo para o colégio quase sempre, depois almoçamos juntos. O dia a dia é tranquilo, qualquer coisa a gente se fala por telefone, não tem estresse não!” (Matheus, 59 anos).</i> • <i>“A minha relação com ele é de muito diálogo, de conversar... Ele tem uma identificação muito grande comigo, acho que foi por isso que a opção foi dele de vir morar comigo depois da separação [...] A gente conversa muito. Ele sabe tudo da minha vida, na questão profissional e pessoal, a gente não tem segredo um com o outro. Em casa eu peço organização e na escola eu acompanho sempre, na volta da escola que é um pouco mais longa do que a ida é um momento de reflexão porque a gente vem sempre conversando [...] ‘e aí tem tarefa? Como foi na escola hoje? Teve prova?’ [...] Mas eu acompanho muito de perto” (Gabriel, 38 anos).</i>

Ao contrário do que caracterizava as relações entre pais e filhos dos anos 60 e 70 do século XX- onde a figura paterna era investida de autoritarismo, relação de poder, castração, medo e distanciamento, compreendendo o modelo tradicional de paternidade- hoje, através dos discursos, tanto dos pais quanto dos filhos por nós entrevistados, percebe-se uma relação de cumplicidade, amizade, diálogo, conversa e companheirismo. Além disto, trata-se de um pai envolvido com as tarefas domésticas e escolares e preocupado com o bem estar do adolescente, como relata o pai Gabriel. Como resultado, os pais têm totais condições de acompanhar, opinar e são capazes de educar seus filhos (as) sozinhos.

Neste aspecto, concordamos com Ramires (1997) quando confirma que os homens são psicologicamente capazes de participar ativamente dos cuidados e da criação de seus filhos (as), sendo isto positivo para a relação de ambos. Como também com Corneau (1997), ao falar da importância da paternidade do homem na construção da estrutura interna de personalidade de seu filho (a). Para que a paternidade seja encarada com algo que mobilize sentimentos e emoções, é necessário que o homem envolva-se e vincule-se ao filho (a) afetivamente. A nova paternidade considerada afetiva e social é uma paternidade escolhida, independente dos laços biológicos. O modelo atual de pai deve preencher “as necessidades de lugares de pertença e de continuidade” e revelar um espaço de apoio e ajuda mútua (Dorais, 1994, p. 87).

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
<p>A participação e influência do pai com relação à escolha profissional.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Acho que é muito forte, pelo contato que ela tem comigo [...] Eu a levo de vez em quando para viajar comigo [...] Ela vê a atividade profissional do pai dela [...] A atuação, como: estar sentada na cabine do avião, ver todas as etapas, pouso, decolagem [...] Então isso é muito forte!” (Antônio, 38 anos).</i> • <i>“A escolha por Jornalismo acho que foi porque eu sempre procurava e a incentivava a ler [...] ‘se você quer ir bem em Português, leia bastante!’” (José 48 anos).</i> • <i>“Eu deixo ele livre para escolher [...] Dou a maior força para ele escolher o que quer” (Matheus, 59 anos).</i> • <i>“Na escolha de um modo geral é muito grande e na vida dele [...] é total! Minha influência é muito grande [...] Eu tenho muita cautela no que eu falo para ele o que eu faço como exemplo, porque eu tenho muito cuidado em dizer algo [...] Eu sei que se eu falar alguma coisa pode influenciar a ele, na decisão dele [...] Ele quer ser jogador de futebol e aí eu já conversei muito com ele dando exemplo sobre alguns jogadores, como Kaká, Juninho Pernambucano [...] Que tiveram sucesso no futebol, mas não deixaram de estudar. Porque o futebol é uma coisa paralela, se não der certo, ele tem o estudo para seguir a vida [...]” (Gabriel, 38 anos).</i>

Em alguns discursos apresentados observa-se uma influência clara do pai quando a questão é a escolha, como na fala de Antônio e Matheus. No caso de Gabriel, apesar da forte influência do pai no cotidiano do filho, ele verbaliza não influenciar no processo da escolha profissional, deixando o filho livre para escolher. Entretanto, o adolescente apresenta o desejo por uma carreira relacionada aos esportes, primeira profissão escolhida inicialmente pelo pai, havendo um real incentivo do genitor para com esta escolha do filho.

Alguns fatores foram observados nos depoimentos dos pais que podem influenciar na decisão e escolha dos seus filhos, como: compartilhar as atividades da profissão com o (a) filho(a), no caso de Antônio; orientar sobre o perfil da profissão e da necessidade de se aperfeiçoar, como foi o caso de José ao mostrar a filha que ela precisa gostar muito de ler para fazer jornalismo; a experiência de vida e profissional do pai, vantagens e desvantagens da profissão, que são reveladas na orientação dada por Gabriel ao seu filho.

No caso de Antônio, especificamente, percebe-se claramente a influência sobre a escolha profissional de sua filha e o desejo que a mesma faça a Academia da Força Aérea. Neste caso, a pesquisa de Molina (2006), realizada com filhos de militares e a influência paterna sobre eles, revela que vários fatores colaboram para a decisão dos filhos, como: moradia em vila militar, convivendo intensamente com a cultura e os valores da instituição; pais inseridos nos projetos pessoais e profissionais dos filhos e, como último fator, a admiração pelas atividades que o pai desenvolve. Estas características estão presentes na dinâmica familiar de Antônio, por isso a identificação da filha pela profissão do pai (depoimento confirmado nas respostas de Maria).

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
<p>Processo de escolha profissional do pai.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Entrei na escola de especialista depois do concurso que fiz da Aeronáutica [...] Tive que estudar que nem um condenado [...] Foram dois anos de muita luta. Eu entrei aqui e vou ser sargento de qualquer jeito! E até hoje faço o que gosto” (Antônio, 38 anos).</i> • <i>“Desde a adolescência, eu não sabia o que queria [...] eu sabia o que não queria! [...] Finalmente, eu escolhi Jornalismo, porque eu gosto de música e lia muita coisa sobre música. Achei boa ideia fazer Jornalismo. Graças a Deus eu consegui concluir” (José, 48 anos).</i> • <i>“Eu e meu tio fomos morar com a minha avó, então toda nossa brincadeira era de Engenharia, em termos de desenho [...] eu era bom e adorava matemática [...] até agora! Passei de primeira no vestibular”. (Matheus, 59 anos).</i> • <i>Eu fui atleta, eu sempre tive uma identificação pela Educação Física [...] fiz vestibular na UPE para Educação Física e aí passei [...] E gostei muito do curso e cheguei a trabalhar como professor de Educação Física de futsal (futebol de salão). Nesse meu caminho [...] o meu Diretor me influenciou muito - olha aí a questão da influência! [...] Ele sempre chegava para mim e dizia: ‘Deixa a Educação física e vem para a Educação!’. Então, como eu já estava na área, vou fazer uma experiência e comecei a fazer o curso de Pedagogia. Quando entrei me apaixonei pelo curso, aí eu pensei [...] É isso mesmo que eu quero! (Gabriel, 38 anos).</i>

Nesses depoimentos são revelados sentimentos de luta, dedicação, identificação com a profissão, vocação com a escolha profissional e persistência na carreira. Evidentemente, observou-se que não foram nada fáceis as conquistas e sucessos nas profissões, pois surgiram obstáculos, dificuldades e mudanças na vida de cada participante. Entretanto, no final ficou revelada a certeza de que realmente fizeram a escolha certa, pelo menos até o momento.

Neste aspecto, concordamos com Rocha (2010) quando fala de projeto de carreira e plano de vida, revelando que os objetivos de vida evoluem naturalmente à proporção que as circunstâncias mudam e que as dificuldades se apresentam. As mudanças fundamentais moldam o destino de quase todas as pessoas e “o desafio é usá-las favoravelmente, usá-las

como oportunidade para a autorrenovação” (Rocha, 2010, p. 83). A autora ainda complementa que as mudanças e os obstáculos de um planejamento proporcionarão ao indivíduo facilidade para enfrentar as transformações em suas vidas pessoais e profissionais. É importante que o planejamento profissional deva ser revisado regularmente, pois ele é dinâmico, como foi o caso de Gabriel que enfrentou mudanças em sua vida profissional e depois conseguiu se encontrar no Curso de Pedagogia.

Já no caso de Antônio, suas expectativas profissionais começaram muito cedo por influência do próprio pai (seu pai também era militar, dito por Antônio em outra ocasião na entrevista), ou seja, ser militar. Portanto, o entrevistado em questão, praticamente não teve escolha. Teve a influência de seu pai desde cedo. A questão da ordem das sucessões e da perpetuação da linhagem fundamenta o projeto dos pais sobre os filhos, como diz Bourdieu (1997).

José revela que sua escolha foi insegura e duvidosa, quando ele disse que não sabia o que queria e demonstrou um sentimento de alívio por ter concluído Jornalismo (embora hoje ele não trabalhe como jornalista e sim como funcionário público com atividades burocráticas). Escolher uma profissão significa uma das decisões mais importantes na vida de um adolescente. Representa, como diz Levenfus (1997), deixar para trás as opções que ficaram de fora e significa também uma despedida, um luto.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Foi total, do lado militar. O pensamento dele era esse [...] Ele me preparou para ser militar [...] Sempre muito rígido, cobrava horário [...] É mais ou menos o que eu cobro dela. Ele me criou para ser militar!” (Antônio, 38 anos).</i> • <i>“Eu fui criado por minha avó, porque meu pai era militar e era transferido muitas vezes. Daí eu fiquei morando com minha avó</i>

<p>Influência e participação do pai do pai com relação à escolha profissional</p>	<p><i>para poder estudar [...] eu e meu tio fomos criados juntos por minha avó, então toda nossa brincadeira era de Engenharia, [...] Meu pai queria que eu fosse militar [...] acho que eu sou parecido com ele. Mas depois ele me deixou à vontade e eu escolhi Engenharia Civil. Eu me adaptei bem a minha profissão e [...] até hoje eu adoro minha profissão” (Matheus, 59 anos).</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>“Meus pais são divorciados e eu convivi com ele até meus 16 anos [...] Ele era bancário e depois eu perdi o contato com ele. Ele trabalhava sempre na área administrativa” (José, 48 anos).</i> • <i>“Neste caso, quem teve uma influência muito grande foi minha mãe”. Meu pai sempre foi uma pessoa muito reservada nesse sentido. Ele nunca influenciou nem a mim nem ao meu irmão. Ele era comerciante e minha mãe era professora. E minha mãe foi sempre quem conduziu essa parte escolar da minha vida, mas também sempre me deixou muito à vontade para eu fazer minha escolha. Hoje, a educação que dou ao meu filho é completamente diferente do que a que meu pai me deu. Quem fazia todo esse papel comigo era minha mãe, meu pai nunca... Até hoje (Gabriel, 38 anos).</i>
---	---

O depoimento de Antônio revelou uma influência bastante significativa da figura paterna na sua decisão sobre a escolha profissional. Seu pai o incentivou a seguir a carreira militar e, do mesmo modo, Antônio influencia na escolha da filha. Concordamos com Andolfi e Angelo (1988, p. 37), que o “código comportamental” – que são imagens incorporadas como modelo de conduta – o pai é o representante de sucesso, força e bravura, e, por isso, pode funcionar como diretriz de vida para o filho militar. No relato de Antonio, há uma forte influência da identidade de seu pai, como também a transmissão da autoridade da figura do pai no dia a dia da sua filha.

Mesmo pesquisando sobre vínculo paterno na escolha profissional dos filhos, não podemos deixar de comentar sobre a influência da figura materna ou de outras pessoas significativas na vida dos entrevistados. Matheus, por exemplo, citou as brincadeiras com o tio como um dos fatores para a escolha da Engenharia; e no caso de Gabriel, houve a influência materna. Concordamos com Santos (2005) quando diz que a família e os pares

também exercem uma forte influência na escolha profissional do adolescente. Uma pesquisa desenvolvida por Harris (conforme citado em Santos, 2005), mostra evidências de que o papel dos pais não tem efeito duradouro ou decisivo no desenvolvimento infantil, mas o seu processo de socialização e seus pares são, na realidade, os responsáveis pela formação da criança, sendo estes os responsáveis pela transmissão cultural e, conseqüentemente, pela construção dos valores.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
<p>Influência do pai, de um modo geral, na escolha profissional do(a) filho(a).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“Eu acho que, pelo menos na área que eu conheço que é a militar, a influência é muito grande, porque os filhos convivem diretamente com o pai, principalmente quem voa, porque tem um contato mais próximo” (Antônio, 38 anos).</i> • <i>“Menos no meu caso, mas eu acho que de um modo geral, sim! Acho que os pais são determinantes na escolha profissional do filho(a). Tem casos de pessoas que o pai é médico, então a probabilidade dessa criança querer também tentar é grande, dependendo do grau de proximidade que ele(a) tenha com o pai também” (José, 48 anos).</i> • <i>“Eu acho que pode. Eu conheço alguns amigos meus que eles são bem exigentes e tem que ser da maneira deles [...] Só acho que tem que deixar à vontade [...] é claro que tem que dar orientação, só não pode forçar” (Matheus, 59 anos).</i> • <i>“Aí eu faço os dois comparativos [...] Eu como pai e meu pai como pai. Então depende muito do pai” (Gabriel, 38 anos).</i>

Ouvindo os pais podemos dizer que a figura paterna influencia na escolha profissional de seu filho ou filha. Principalmente, no caso de Antônio, que percebe claramente que a comunidade militar exerce uma forte influência por causa da cultura e valores da instituição.

No caso de José, apesar de não acontecer com ele, concorda que o pai, de um modo geral, influencia na escolha profissional do filho. E complementa que os pais são determinantes dependendo do grau de proximidade que o pai tenha com o filho, ou seja, se for próxima esta relação, a influência vai ser maior do que se for distante, seja ela positiva ou negativa. Para isto, concordamos com Poulter (2008) quando diz que para fazer uma boa escolha profissional é fundamental entender a importância das relações e o conceito de afeto na relação com a figura paterna. Para isto, o autor definiu quatro estilos particulares da relação afetiva do pai com o (a) filho (a), como vimos, são elas: intermitente, evasivo, deprimido ou seguro. O estilo intermitente representa uma relação aleatória, inconstante e imprevisível. O estilo evasivo caracteriza o pai que carece de expressão emocional, contato físico ou comunicação exterior de empatia. O estilo deprimido revela uma característica de pouca energia, distraído e desatento às necessidades dos filhos. O estilo seguro é o estilo mais ideal, caracteriza-se por ser emocionalmente capaz de “ler”, escutar e aprender as necessidades do filho (a).

Os pais por nós entrevistados estão mais ou menos correspondentes ao estilo seguro. Porque demonstraram serem pais presentes, que orientam e influenciam na questão da escolha profissional. Este estilo de pai satisfaz as necessidades incipientes (físicas, emocionais e mentais) dos filhos. Há uma relação de confiança e segurança para o desenvolvimento futuro da personalidade, crescimento intelectual e escolhas profissionais. Como resultado deste estilo de afeto, as pessoas podem ter um desempenho excelente no emprego e alcançam metas ambiciosas na vida profissional. Além de ter a capacidade de assumir riscos, de ter um bom equilíbrio emocional e uma boa empatia e confiança com os companheiros do trabalho.

Entretanto, entender o afeto paterno é de suma importância para obter êxito nas escolhas e metas profissionais. A qualidade da relação não é o mais importante e sim como usá-la para fazer melhores escolhas relativas à vida pessoal e profissional, hoje e no futuro.

UNIDADES DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
Futuro profissional e projeto de vida.	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu ficaria muito satisfeito se ela conseguisse entrar nas Forças Armadas [...] Apesar de falarem muitas coisas hoje em dia [...] É uma empresa muito boa [...] Acabou aquela visão de que as Forças Armadas é uma instituição extremamente militar [...] com a globalização a gente tem que ter visão de empresa [...] eu valorizo muito meu emprego hoje” (Antônio, 38 anos). • “Espero que ela seja nessa ordem – feliz e bem sucedida. Ela pode juntar realização profissional e ganhar dinheiro, não faz mal a ninguém [...] se ela conseguir isso aí, eu estou satisfeito” (José, 48 anos). • “Espero que ele seja feliz [...] A dificuldade hoje não é somente se formar não, é depois que se forma [...] Hoje tem que ter um diferencial [...] Saber línguas, ter mestrado, é ser o melhor! [...] Eu digo a ele todos os dias” (Matheus, 59 anos). • “Muito sucesso. Eu acho que ele é uma pessoa muito iluminada e a escolha que ele fizer vai fazer sucesso. Agora ele só pensa em ser jogador [...] Mas ele tem o “pé no chão”. A única coisa que digo a ele é que ele sempre tenha o “pé no chão”. É um caminho que ele pode seguir que ele vai ter o meu apoio, ele sabe disso já” (Gabriel, 38 anos).

Nos depoimentos dos pais há desejos e expectativas de felicidades sucesso e realizações pessoais e profissionais sobre seus filhos (as). Aliado a estes sentimentos, os pais orientam e traçam projetos sobre o futuro dos filhos para que possam ter uma formação educacional e profissional adequada e bem sucedida. Bohoslavsky (1998) diz que, de um modo geral, a família alimenta expectativas, desejos e fantasias em relação aos filhos e ao seu futuro. O autor conclui também que esta influência pode ser de forma a incentivar ou de reprimir, na decisão profissional do adolescente.

No caso de Antônio, este pai deposita uma expectativa muito grande sobre a filha para ser uma militar, demonstrando certa repressão. Contudo, ainda faltam dois anos para ela

terminar o Ensino Médio e a sua decisão pode sofrer mudanças e logo não corresponder aos desejos do pai, gerando sentimentos de frustração no genitor . Já no diálogo com Gabriel, este apresenta um discurso de incentivo à escolha que o filho fizer no futuro. Conseqüentemente, esta escolha será satisfatória e consciente por contar com o apoio e a contribuição da figura paterna.

Dias e Soares (2009) dizem que podemos entender o projeto profissional como sendo uma busca por concretizar uma ação ou atividade profissional e acrescenta também que o sujeito constrói em suas relações, uma possibilidade de ser um profissional. Soares (1997) ainda complementa que existem diferentes concepções sobre a construção do projeto profissional, abordando a importância de entendermos o dinamismo familiar e a historicidade do sujeito dando ênfase à necessidade da adoção de uma posição familiar participativa na construção do projeto profissional do jovem.

Foi compreendido, no diálogo de José, que sua satisfação está atrelada ao sucesso profissional da filha e ao fato dela poder também ganhar dinheiro com a carreira escolhida. Portanto, não podemos deixar de ressaltar que vivemos numa sociedade capitalista e imediatista, onde certos valores são distorcidos pelos jovens e os pais atrelam o projeto profissional a ganhar dinheiro, ter status, sucesso e prestígio, como deseja também o pai Matheus. Neste caso, o adolescente pode viver o conflito de fazer o que realmente quer com o que foi esperado por seus pais. Com isto, esta expectativa vai muito mais além do que a escolha, ela vai definir o status social, a conquista de um bom emprego e o desejo de ganhar muito dinheiro para ser feliz. O valor profissional e pessoal em nossa sociedade é um fator de peso, pois assim dará uma posição mais valorizada e prestígio social.

UNIDADE DE REGISTRO	COMENTÁRIOS E RESPOSTAS
Sentimento de ser pai de um adolescente.	<ul style="list-style-type: none"> • <i>“É uma responsabilidade muito grande, mas não é um bicho de sete cabeças [...] Eu tenho que estar preocupado, com os estudos, com as amizades, namoradinhos [...] Tenho que estar atento. Não existe briga, não existe nada... A gente sai junto, planejamos juntos. Eu hoje vivo maravilhosamente bem!” (Antônio, 38 anos).</i> • <i>“É muito difícil! Um pai executar a tarefa de pai e de mãe é uma tarefa de Hércules! Eu não sei dizer se eu consegui o meu objetivo, mas pelo que ela demonstra e pelo que as pessoas falam [...] Graças a Deus ela é uma menina educada. Tem momentos de rebeldia, como todo adolescente, mas acho que ela está no caminho [...] Ela não é estudiosa, mas ela hoje está mais esforçada. Graças a Deus ela frequenta a igreja e isso ajuda muito” (José, 48 anos).</i> • <i>“Para mim é ótimo! Meus filhos são a minha vida. Hoje eu trabalho para eles. Somos muito próximos” (Matheus, 59 anos).</i> • <i>“Não é fácil não, mas é muito prazerosa pela relação que tenho com meu filho. Posso até dizer que minha vida não seria como ela é hoje, se eu não tivesse essa relação que tenho com ele [...] Ter filho é fácil, mas educá-lo hoje em dia é difícil [...] Principalmente hoje, que temos uma geração muito difícil [...] Como costume dizer: do imediatismo [...] Que você aperta num botão e querem uma resposta na mesma hora. Então não é fácil, mas é prazerosa, é gratificante, é recompensadora quando você tem o resultado daquilo que você investe como educador no sentido de pai [...] (Gabriel, 38 anos).</i>

Nos discursos dos pais, há um sentimento de que cuidar de adolescente não é uma tarefa fácil. Fala-se da responsabilidade e do grande desafio e preocupação com o papel de ser pai. Todavia, percebe-se também que há a presença de vínculos de proximidade, respeito e amizade, principalmente na relação entre as filhas e seus pais, sendo uma relação de convivência saudável e tranquila.

Ao mesmo tempo, percebe-se o quanto o pai ainda revela sentimentos preconceituosos de gênero, como diz José: “[...] *Um pai executar a tarefa de pai e de mãe é uma tarefa de Hércules! Eu não sei dizer se eu consegui o meu objetivo*”. Portanto, nossa

sociedade ainda vive um passado onde há divisões de tarefas entre homens e mulheres, onde a mulher era destinada aos cuidados do lar e dos filhos e os pais apenas para o trabalho. Esta fala demonstra o quanto o homem ainda se fragiliza desempenhando a tarefa de mãe como se fosse uma tarefa de “Hércules,” difícil e penosa.

Outra questão observada, através do depoimento de Gabriel, que é pedagogo e trabalha em escola, foi com a questão do imediatismo da juventude de hoje. Sua fala revela a dificuldade em lidar com adolescentes de uma sociedade contemporânea que valorizam o consumo, o prazer imediato, o culto ao corpo, a individualidade, a informação e a mídia. O futuro perde a transcendência, a relação básica com o tempo muda e surgem as representações coletivas ligadas ao sentido de “final”: final de história e das ideologias (Oliveira & Dias, 2000).

Portanto, a família da contemporaneidade, diante de tanta diversidade, é integrante de diversas dimensões da mudança e da continuidade, requerendo dos adolescentes que se identifiquem a cada momento com algo novo, e reconheçam em suas trajetórias uma dimensão temporal, integrando passado, presente e futuro. De um lado, os jovens ainda precisam se preparar melhor para a escolha profissional, de forma mais consciente e segura possível, determinadas pelas exigências familiares. De outro, as mudanças socioculturais, o mercado de trabalho e o desemprego, entre outras, trazem exigências de novas competências, habilidades e talentos para que esse jovem se sinta inserido na sociedade e feliz profissionalmente.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir um trabalho dissertativo não é tarefa fácil, principalmente quando se trata de um tema novo, em construção. “Escolha profissional e vínculo paterno: um estudo com pais e filhos adolescentes” é um tema atual, relevante e acreditamos que esta dissertação seja o ponto de partida para as futuras pesquisas dentro desse novo cenário afetivo - relação entre pai e filho (a).

Nossa experiência como Psicóloga e Orientadora Profissional em uma instituição de ensino nos autoriza a dizer que a fase da adolescência, ao mesmo tempo em que é carregada por sentimentos conflituosos é, também, a porta de entrada para o mundo adulto. É nesse clima de medo, ansiedade, aprendizagens e descobertas que o adolescente inicia seu processo de escolha profissional.

A família, por sua vez, não fica de fora do processo de escolha profissional dos filhos. E, nas configurações familiares atuais, eis que o pai, morando sozinho com os filhos – constituição familiar monoparental – além de se envolver nas tarefas domésticas encontra-se às voltas com o processo de escolha profissional dos filhos.

É nesse contexto que o objetivo do presente estudo foi de analisar como o pai percebe e acompanha o processo de escolha profissional do (a) filho (a) adolescente e como este, por sua vez, percebe a participação paterna.

Os pais por nós entrevistados nos revelam muita dedicação e envolvimento nas atividades do dia a dia na vida do(a) filho(a). Todavia, ter o pai como o único que se responsabiliza por essas atividades, exige dele mais presença e mais disponibilidade afetiva. Mesmo que para alguns pais, esta tarefa ainda seja muito difícil: assumir o (a) filho(a) sozinho requer sacrifício e complexidade. Até que ponto, este “novo pai” que também assume o papel

de mãe, consegue dar conta desta responsabilidade e obter resultados de boa qualidade na relação? Será também que o pai sozinho pode realizar bem o papel que é específico da mãe?

Foi detectado, neste estudo, que o tipo de educação/relação entre pai e filho (a), demonstrou um envolvimento saudável entre eles, caracterizado como: tranquilidade, compreensão, diálogo e carinho, embora houvesse queixas por parte dos adolescentes acerca das cobranças, imposições de limites e disciplina por parte do pai. Entretanto, essas queixas são necessárias para o desenvolvimento da personalidade do adolescente, pois o limite e a disciplina dão a noção de respeito pelas figuras de autoridade, importantes na vida das pessoas, estimulam a responsabilidade a fim de torná-los adultos éticos e honestos. Isto significa que o limite e a disciplina estão presentes na relação entre pai e filho.

Percebemos também o quanto a figura paterna se preocupa, tem desejos e cuida do (a) filho (a) com relação ao projeto de vida futuro. Algumas expectativas, como, o desejo da perpetuação ou repetição da sua carreira sobre o filho(a), tanto pode significar uma identificação saudável por parte do filho e conseqüentemente uma escolha tranquila, quanto pode repercutir de forma negativa ao reprimir o desejo verdadeiro do filho. Diferentemente do comportamento de pais autoritários do passado, é importante que este pai de hoje esteja conectado e em sintonia com o seu filho ou filha para fazer uma leitura sobre a escolha profissional com tranquilidade e respeito.

Outro desejo explícito foi de que o (a) filho (a) tenha sucesso e realização; orientação nas dúvidas sobre a escolha e sobre as profissões; acompanhamento e orientação sobre a realidade das profissões (vantagens e desvantagens), mercado de trabalho, salário e carreira profissional. É claro que todo pai sonha isto para seu filho. Entretanto, o que poderá está implícito neste discurso? Até que ponto poderá surgir o sentimento de competição e disputa entre pai e filho na relação? E se este filho trabalhar com o pai no futuro? Como será esta relação profissional? De fato, este estudo não se propôs a responder estas questões e deixa as

portas abertas para novas pesquisas que possam aprofundar as relações profissionais pais/filhos.

De um modo geral, não sabemos se no futuro essas preocupações e influências serão negativas ou positivas para a vida profissional do adolescente, mas acreditamos que se forem vividas com afetos e prazeres, estes filhos, possivelmente, farão suas escolhas profissionais com mais segurança e menos estresses e conflitos. Em consequência disto, terão sucessos em suas vidas pessoais e profissionais gerando satisfação na carreira e motivação profissional no futuro. Estas informações poderão gerar hipóteses para as futuras pesquisas na investigação do sentimento de prazer e satisfação profissional desses futuros adultos.

Chamam-nos atenção nos depoimentos dos pais, a dedicação, a luta e a vocação pelas profissões escolhidas pelos mesmos: ver o pai gostando do que faz, com autoestima positiva, tendo prazer na profissão e motivado para o trabalho, significa proporcionar um bom exemplo para uma identificação satisfatória. Neste caso, identificamos uma influência positiva e saudável para o (a) filho(a) e consequentemente profissionais mais preparados, equilibrados emocionalmente, gerando uma melhor qualidade de vida para ele mesmo, para sua família e para a sociedade.

Concluimos esperando que o referencial teórico relatado por nós, possa gerar frutos e fornecer subsídios a novas pesquisas nas áreas da Orientação Profissional, da Clínica Psicológica, e da Educação.

REFERÊNCIAS

- Andolfi, M. & Ângelo, C. (1998). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: ArtesMédicas.
- Becker, D. (1989). *O que é adolescência* (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: estratégia clínica*. 11a ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, P. (1997). As contradições da herança. Em Lins, D., Bourdieu, P., Rolnik, S., Wacquant, L. (Orgs). *Cultura e subjetividade* (pp. 07-17). Campinas / SP: Papyrus.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. M. (2003). *Lealtades invisíveis*. Buenos Aires: Amorrutu.
- Chaves, U. H. (2006). Família e parentalidade. Em Cervený, C., M., O. (Org.). *Família e... narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenções sistêmicas, rede social* (pp.47 – 62). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Corneau, G. (1997). *Pai ausente, filho carente. O que aconteceu com os homens?* São Paulo; Brasiliense.
- Coutinho, M., C., Krawulski, E. & Soares, D., H., P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 29-37. Edição. Especial
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Ristoff, C. D.; Hammes, P. S., Abreu, S. R. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Estudos de Psicologia* (Maringá), 11(3), 579-587.
- Dias, M. S. L. & Soares, D. H. P. (2009). *Planejamento de carreira: uma orientação para estudantes universitários*. São Paulo: Vetor.
- Dorais, M. (1994). *O homem desamparado: crises masculinas: compreendê-las para enfrentá-las*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fonseca, P. & Monteiro, C. (2009). O pai novo. *Jornal de Pernambuco*: Recuperado em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/vidaurbana/especiais/paternidade/biblioteca.shtml>.
- Frutuoso, S. G. & Loes, J. (2009). 13 anos: a virada para a vida adulta. *Isto é*. vol. 32, Edição 2094.
- Golberg, A. (1989). Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”. Em: *Relações sociais de gênero X relações de*

- sexo. Departamento de Sociologia – Área de Pós-Graduação. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Gomes, P. B. (2003). Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. Em Gomes, P., B. (Org). *Vínculos amorosos contemporâneos – Psicodinâmica das novas estruturas familiares*. (pp. 57 -75).São Paulo: Callis,
- Hennigen, I. & Guareschi, N.M.F. (2002, junho). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia Social*, 14 (1), 44-68.
- Hurstel, F. (1996). *As novas fronteiras da paternidade*. Campinas: Papirus.
- IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) (2008). *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 3a ed.. Brasília/DF.
- Lei nº 1.151, de 21 de novembro de 1995. *Projeto de Parceria Civil Registrada entre pessoas do mesmo sexo*. Recuperado em:
<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1105>
- Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. ECA - *Estatuto da Criança e do Adolescente*: Recuperado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>>.
- Lei n.º 10.406, de 10 de Janeiro de 2002. *Código Civil Brasileiro*. Recuperado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10406.htm >.
- Lei Ordinária nº 11698, de 13 de junho de 2008. *Altera os Artigos 1.583 e 1.584 da Lei 10.406, de 10 de Janeiro de 2002 - Código Civil, para Instituir e Disciplinar a Guarda Compartilhada*. Recuperada em: <http://br.vlex.com/vid/instituir-disciplinar-guarda-compartilhada-38859374>.
- Levenfus, R. S. (1997). Algumas teorias da psicologia vocacional. Em Levenfus, R.S. & colaboradores. *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 31-46). Porto Alegre: Artmed.
- Lisboa, M. D. (1997). Ser quando crescer... A formação da identidade ocupacional. Em Levenfus, R. S. & colaboradores. *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 109-122). Porto Alegre: Artmed.
- Soares-Lucchiari, D. H. (1993). O que é orientação profissional? Em Soares-Lucchiari, D.H. (Org.). *Pensando e Vivendo a Orientação Profissional*. (pp. 11-16). São Paulo: Summus.
- Minayo, M.C. de S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8a ed. São Paulo: Ed. Hucitec.
- Molina, S.F.L. (2006). *Ter um filho oficial do exército: uma delegação transgeracional?* Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Nolasco, S. (1995). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Oliveira, I.D. & Dias, C.M.S.B (2000). Escolha profissional na família da pós-modernidade. In Oliveira, I.D., (Org). *Construindo caminhos – experiências e técnicas em orientação profissional*. (pp. 145-164). Recife: Universidade UFPE.
- Oliveira, I. D. (2001). *De quem é o vestibular? A mãe frente à diferenciação do filho*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Polity, E., Setton, M. Z. & Colombo, S. F. (2004). *Ainda existe a cadeira de papai? Conversando sobre o lugar do pai na atualidade*. São Paulo: Vetor.
- Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Poulter, S.,B. (2008). *O fator pai: como o legado paterno afeta a sua vida profissional*. São Paulo: Editora Academia de Inteligência.
- Ramires, V.R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ramos, M. (2003). Novas parcerias, novos conflitos. Em Gomes, P.,B. (Org). *Vínculos Amorosos contemporâneos – psicodinâmica das novas estruturas familiares* (pp. 57-75). São Paulo: Callis.
- Rocha, M. C. S., (2010). Projeto de carreira, plano de vida: passos para um gerenciamento da vida profissional e pessoal. Em Levenfus, R. S., Soares, D.H.P. & colaboradores. *Orientação vocacional ocupacional* (pp. 82-91). 2a ed. Porto Alegre: Artmed.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, (Campinas), 22 (1), Recuperado em 16 de novembro de 2008, da SciELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br.
- Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Estudos de Psicologia*. (Maringá), 10(1). Recuperado em: 12 março de 2009, da SIELO (Scientific Electronic Library On line): www.scielo.br.
- Silva, M. R, & Piccinini, C., A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), 561-573.
- Soares, D.,H.,P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Soares-Lucchiari, D.H.. (1997). Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste dos três personagens. Em Levenfus, R. S. *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 135-160). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sutter C. & Bucher-Maluschke, J. S. N. F., (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39 (1), 74-82.
- Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativo. Construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Verônica, A. (2009, março). *Adoção por casais homoafetivos no Direito brasileiro*. <http://www.webartigos.com/articles/15890/1/adocao-por-casais-homoafetivos-no-direito-brasileiro/pagina1.html>.

ANEXOS

ANEXO I

ENTREVISTA PARA O ADOLESCENTE

NOME: fictício	DATA:
SÉRIE:	IDADE:
BAIRRO ONDE MORA:	
VOCÊ PRETENDE FAZER VESTIBULAR PARA QUÊ?	

1. Como está sendo, para você, viver esse momento de escolha profissional? Qual o seu sentimento diante deste fato?
2. Como você considera o tipo de educação que seu pai lhe deu? Como você se relaciona com ele?
3. Qual a sua opinião sobre a participação e influência de seu pai com relação a sua escolha profissional?
4. Em sua opinião, o pai pode influenciar na escolha profissional do filho? Como?
5. O que você espera de seu futuro profissional?
6. Como é ser filho do seu pai?

ANEXO II

ENTREVISTA PARA O PAI

NOME: fictício	DATA:
PROFISSÃO:	IDADE:
BAIRRO ONDE MORA:	
NÍVEL DE INSTRUÇÃO - ESTUDOU ONDE?	
FEZ VESTIBULAR? PARA QUÊ?	
TINHA SIDO ESTA A SUA ESCOLHA INICIAL?	

1. Como está sendo, para você, viver esse momento de escolha profissional de seu filho(a)? Qual é o seu sentimento diante deste fato?
2. Como você considera o tipo de educação que você dá para seu filho(a)? Como você se relaciona com ele(a)?
3. Qual a sua opinião sobre a sua influência na escolha profissional de seu filho(a)?
4. Como foi o processo da sua escolha profissional?
5. Qual foi a participação ou que tipo de influência você viveu de seu pai, com relação à escolha profissional?
6. Em sua opinião, o pai pode influenciar na escolha profissional do filho(a)? Como?
7. O que você espera ou deseja para o futuro profissional do seu filho(a)?
8. Como é a experiência de ser pai de um adolescente?

ANEXO III

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

PARA O PAI PARTICIPANTE

Título da Pesquisa: Escolha profissional e vínculo paterno: um estudo com pais e filhos adolescentes.

1. O Senhor está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: Escolha profissional e vínculo paterno: um estudo com pais e filhos adolescentes.
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento o senhor pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: Analisar a influência do vínculo paterno na escolha profissional do(a) filho(a) adolescente. Os específicos são: Conhecer através da entrevista com o pai, o projeto de vida traçado para o filho(a) adolescente; conhecer, através da entrevista com o/a adolescente, o seu projeto de vida; investigar os sentimentos e valores do filho(a) diante da participação do pai no seu processo de escolha profissional; investigar os sentimentos e valores do pai diante da escolha profissional do filho(a).
6. A participação do senhor nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semidirigida, constando de perguntas sobre o tema, tais como: a escolha profissional do seu filho, sua própria escolha de uma profissão, a perspectiva de futuro do seu filho e sua participação e influência como pai, nas relações familiares e com o seu filho em sua escolha profissional. A entrevista será individual, ocorrerá em local de sua escolha e será gravada, caso o senhor permita. Posteriormente, o material coletado será guardado com o pesquisador principal, em local seguro e sem possibilidades de uso por terceiros. Nesse material não haverá a sua identificação.
7. A pesquisa não trará riscos para o senhor ou para a sua família, no entanto, o senhor poderá se sentir constrangido de responder uma ou outra pergunta. Nesse caso, o senhor estará livre para responder ou não. No entanto, lembre-se que suas respostas serão sigilosas.
8. A participação do senhor trará benefícios para outros pais em situação semelhante, ajudando-os em seus relacionamentos com os seus filhos. Outro benefício da pesquisa será a possibilidade de planejamento de ações de atenção ao adolescente em fase de escolha profissional, bem como, programas de apoio e assistência aos pais concernentes à escolha profissional dos filhos.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação.
10. Os dados coletados serão divulgados em atividades científicas, tipo congressos, mantendo-se o sigilo da sua identidade.

11. O senhor receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR):

Albenise de Oliveira Lima
Rua do Príncipe, 526, Boa Vista, CEP 50050-900.
Telefone: (81) 21194172

Declaração pós leitura:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2008

Participante da pesquisa *

ANEXO IV

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

PARA O ADOLESCENTE

Título da Pesquisa: Escolha profissional e vínculo paterno: um estudo com pais e filhos adolescentes.

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada: Escolha profissional e vínculo paterno: um estudo com pais e filhos adolescentes.
2. A seleção ocorreu através do método intencional e a sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Católica de Pernambuco.
5. Os objetivos deste estudo são: Analisar a influência do vínculo paterno na escolha profissional do(a) filho(a) adolescente. Os específicos são: Conhecer, através da entrevista com o pai, o projeto de vida traçado para o filho(a) adolescente; conhecer, através da entrevista com o/a adolescente, o seu projeto de vida; investigar os sentimentos e valores do pai diante da escolha profissional do filho(a); investigar os sentimentos e valores do filho(a) diante da participação do pai no seu processo de escolha profissional.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semidirigida, constando de perguntas sobre o tema, tais como: a sua própria escolha de uma profissão, a perspectiva de futuro, participação e influência do pai nas relações familiares e em sua escolha profissional. A entrevista será individual, ocorrerá em local de sua escolha e será gravada, caso você permita. Posteriormente, o material coletado será guardado com o pesquisador principal, em local seguro e sem possibilidades de uso por terceiros. Nesse material não haverá a sua identificação.
7. A pesquisa não trará riscos para você ou para a sua família, no entanto, você poderá se sentir constrangido de responder uma ou outra pergunta. Nesse caso, você estará livre para responder ou não. No entanto, lembre-se que suas respostas serão sigilosas, apenas de conhecimento do pesquisador.
8. A sua participação trará benefícios para outros adolescentes em situação semelhante, ajudando-os em seus relacionamentos com os seus pais. Outro benefício da pesquisa será a possibilidade de planejamento de ações de atenção ao adolescente em fase de escolha profissional, bem como, programas de apoio e assistência aos pais concernentes à escolha profissional dos filhos.
9. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação.
10. Os dados coletados serão divulgados em atividades científicas, tipo congressos, mantendo-se o sigilo da sua identidade.

11. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Albenise de Oliveira Lima
Rua do Príncipe, 526, Boa Vista, CEP 50050-900.
Telefone: (81) 21194172

Declaração pós leitura:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81).2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Recife, _____ de _____ de 2008

Participante da pesquisa *

Pai / Mãe ou Responsável Legal *



ANEXO V

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS, de 22/04/2004

Recife, 03 de dezembro de 2008

PARECER Nº 073/2008 – CEP UNICAP

O Comitê de Ética em Pesquisa, em reunião do dia 28 de novembro de 2008, considerou **APROVADO**, o Projeto de Pesquisa registrado com o CAAE-3833.0.000.096-08 – (REGISTRO INTERNO – CEP 055/2008), intitulado:

“**ESCOLHA PROFISSIONAL E VÍNCULO PATERNO: um estudo com pais e filhos adolescentes**”, que tem, como pesquisadora principal:

Profa Dra Albenise de Oliveira Lima (PSICOLOGIA)

RESUMO DO PARECER

- O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com a Declaração do Helsinque e com o Código de Nuremberg para experimentação humana.

O **RELATÓRIO FINAL** deverá ser entregue no semestre correspondente ao término da pesquisa, conforme cronograma apresentado no Projeto de Pesquisa aprovado.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar o CEP UNICAP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente,

Prof Dr Junot Cornélio Matos

*Pró-reitor Acadêmico – PRAC
Universidade Católica de Pernambuco*

Profa Dra Arminda Saconi Messias

*Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Coordenadora Geral de Pesquisa
Universidade Católica de Pernambuco*

SAS 3375.4-0

03/12/2008 11:37:26

97